



**Universidade Federal de Santa Catarina**  
**Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção**

**A SEMIÓTICA ESTÁ NA ESCOLA? UM OLHAR SOBRE A EMOÇÃO  
NA LIDERANÇA DO EDUCADOR.**

**Dissertação de Mestrado**

**Marcia Pirih Baron**

**FLORIANÓPOLIS**

**2003**

**Marcia Pirih Baron**

**A SEMIÓTICA ESTÁ NA ESCOLA? UM OLHAR SOBRE A EMOÇÃO NA  
LIDERANÇA DO EDUCADOR**

**Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção de Sistemas, área de concentração: Mídia e Conhecimento, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina.**

**Orientador:** Prof. Francisco Antonio P. Fialho, Dr.

**Florianópolis, 15 de dezembro de 2003**

# **A SEMIÓTICA ESTÁ NA ESCOLA? UM OLHAR SOBRE A EMOÇÃO NA LIDERANÇA DO EDUCADOR**

**MARCIA PIRIH BARON**

Esta dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de *MESTRE* em Engenharia de Produção, área de concentração: Mídia e Conhecimento, aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 15 de dezembro de 2003

---

**Prof. Dr. Edson Pacheco Paladini,  
Coordenador**

BANCA EXAMINADORA:

---

Prof. Dr. Francisco Antonio P. Fialho  
Orientador

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elaine Ferreira

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Mirian Loureiro Fialho

### **Agradecimentos**

A Deus que sempre me deu saúde, alegria e coragem para nunca desistir.

A todas as pessoas que me ajudaram com palavras amigas, críticas, empréstimos, leituras, dicas e conselhos.

Agradeço à Associação Franciscana Senhor Bom Jesus por ter me dado esta valiosa oportunidade de fazer o mestrado.

Agradeço especialmente ao meu orientador Fialho, que com sua dedicação, paciência e carinho, esteve sempre pronto a me ajudar. Obrigada pelo incentivo e compreensão dados em vários momentos da concepção deste trabalho.

## SUMÁRIO

<b>RESUMO .....</b>	<b>iv</b>
<b>ABSTRACT .....</b>	<b>v</b>
<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>1</b>
1.1 Justificativa .....	2
1.2 Problema de pesquisa .....	3
1.3 Hipóteses .....	4
1.4 Objetivos .....	4
1.4.1 Objetivo geral .....	4
1.4.2 Objetivos específicos .....	4
1.5 Metodologia de pesquisa .....	5
1.6 Delimitação do estudo .....	6
1.7 Descrição dos capítulos .....	6
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO .....</b>	<b>9</b>
2.1 A Semiótica .....	9
2.1.1 A tal da Semiótica .....	9
2.1.2 A teoria da mentira .....	10
2.1.3 O campo de estudo .....	11
2.1.4 Uma linguagem eficaz .....	13
2.1.5 A Semiótica na escola .....	14
2.1.6 A Semiótica no nosso cotidiano .....	15
2.1.7 Um trunfo da Semiótica .....	16
2.2 A emoção .....	18
2.2.1 A emoção, uma companheira .....	18
2.2.2 Gerindo a aprendizagem .....	19
2.2.3 Fomos feitos para brincar .....	21
2.2.4 Aprendizagem & emoção .....	22
2.2.5 O papel do educador .....	24
2.2.6 Heartstorming .....	27

<b>2.3 A liderança</b>	28
2.3.1 O educador como um líder	28
2.3.2 Exercitando a liderança	28
2.3.3 Desenvolvendo a turma na sua totalidade	30
2.3.4 Um agente	33
2.3.5 O que significa ser de fato um agente	34
2.3.6 Um agente na escola do futuro	35
2.3.7 Copa do Mundo	35
<b>2.4 Situações hipotéticas</b>	36
2.4.1 Diário	38
2.4.1.1 Retorno das férias	38
2.4.1.2 A primeira aula	40
2.4.1.3 Também	42
2.4.1.4 Eu	44
2.4.1.5 Que português é esse?	46
2.4.1.6 Discriminação escondida	48
2.4.1.7 Não	50
2.4.1.8 Naturalidade	52
2.4.1.9 Ter que	55
2.4.1.10 Quem é que manda	58
2.4.1.11 Quem é o deficiente?	60
2.4.1.12 Inclusive ... até	62
2.4.1.13 Figurinha complicada	64
2.4.1.14 Más notícias	66
2.4.1.15 Primeiro dia	68
2.4.1.16 Tia	70
2.4.1.17 Menino / menina	72
2.4.1.18 Infantil	74
2.4.1.19 Minha professora	76

2.4.1.20	Que bicho é esse? .....	78
2.4.1.21	Já .....	80
2.4.1.22	Um passeio .....	82
<b>3</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS E SUGESTÕES PARA FUTUROS TRABALHOS ....</b>	<b>84</b>
<b>4</b>	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>87</b>

## RESUMO

BARON, Marcia Pirihi. **A semiótica está na escola? Um olhar sobre a emoção na liderança do educador.** Florianópolis, 2003. XXp. Dissertação. (mestranda em Engenharia de Produção – área de concentração Mídia e Conhecimento) Programa de Pós-graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC.

Este trabalho pretende convidar as pessoas a refletir sobre o ambiente escolar, apresentando alguns conceitos básicos da Semiótica, da emoção e da liderança do educador. Uma pergunta relevante é: por que algumas aulas são bem dadas e outras não? Essa pesquisa usa algumas ações de educadores para responder a esta pergunta e para ajudar professores e todas as pessoas que trabalham na escola. O objetivo desse estudo é unir a Semiótica, as emoções e a liderança do educador, mostrando algumas contribuições de grandes pesquisadores que colaboraram com estudos de diferentes áreas do conhecimento. Os estudos da Semiótica confirmam que o nosso modo de pensar é totalmente simbólico e nós podemos identificar como a Semiótica já afeta a nossa vida. Tais estudos mostram que os detalhes têm grande valor no trabalho desenvolvido pelo educador. Os estudos das emoções nos mostram a importância de cultivar e conhecer nossos alunos para ajudá-los a conhecer-se e a identificar as suas capacidades de mudar o mundo. Os estudos da liderança atestam que todo educador pode ser um líder, conhecendo suas próprias potencialidades, respeitando e compreendendo seus alunos. Este trabalho é sobre o ambiente escolar e ajuda na compreensão da relação entre as pessoas. Os resultados mostram como é importante observar algumas coisas que as pessoas fazem na escola que podem ajudar ou dificultar o andamento da aula e enfatiza a importância dos detalhes no cotidiano escolar. Este estudo é totalmente teórico sobre o tema, cujo objetivo é oferecer algumas dicas que enriquecem a discussão sobre os valores que serão adotados neste século. Este trabalho preocupa-se com a necessidade de novos conceitos sobre a relação entre as pessoas na escola, propondo seu uso na reconstrução da educação, vendo a escola como uma alternativa possível de reconstruir as relações humanas e garantir a superação das dificuldades de comunicação na nossa sociedade.

**Palavras-chave:** semiótica, detalhes, emoção, liderança e educador.



## ABSTRACT

BARON, Marcia Pirih. **A semiótica está na escola? Um olhar sobre a emoção na liderança do educador.** Florianópolis, 2003. XXp. Dissertação. (mestranda em Engenharia de Produção – área de concentração Mídia e Conhecimento) Programa de Pós-graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC.

This work intends to invite people to reflect about the school environment by presenting some basic concepts about semiotic, emotions and leadership educator. An important question is: why some classes are well done and others are not? This research uses some educators' actions to answer this question and to help teachers and all the people who work at school. The scope of this study is to link semiotic, emotions and leadership educator, by showing some important contributions from great researches who have collaborated with studies from different areas of knowledge. Semiotic studies confirm that our way of thinking is totally symbolic and we can identify how semiotic affects our life already. Emotions studies show us the importance to cultivate and know our students to help them to know themselves and to identify their capacities to change the world. Leadership studies attest that every educator can be a leader, by respecting and understanding its students. This work is about school environment and helps to understand it according to the relationship between people. The results show how important is to observe some little things people do at school that can help or even disturb class management. This study is totally theoretical about the theme, whose objective is to offer some clues that enrich the discussion about the values that will be taken to the education in this century. This work concerns the need of new concepts about relationship between people at school, proposing its use in the education rebuilding, seeing the school as a possible alternative to rebuild human relations and to guarantee the overcoming of the communication difficulties in our society.

**Key-words:** semiotic; emotions; leadership; details; educator.

## 1 INTRODUÇÃO

Essa dissertação apresenta uma união de três áreas distintas de estudo: A Semiótica, as emoções e a liderança. Toda pesquisa é centrada na relação educador/aluno e também em todo o universo escolar. Entende-se como educador, toda pessoa que desenvolva o aluno, seja esta pessoa o porteiro, o professor, um palestrante, o cozinheiro ou qualquer outro indivíduo que colabore na formação deste estudante.

O trabalho faz pontes entre diversas áreas da ciência e passa a ver aquilo que já existe com um olhar diferenciado. As conclusões são o resultado da conversão das evidências de diferentes campos de estudo.

A pesquisa pretende contribuir na melhoria da qualidade da comunicação do educador e na sua relação com seu educando. Este estudo propõe uma observação dos pequenos detalhes que fazem parte do cotidiano escolar como os gestos, o tom de voz, as cores, as formas, a iluminação, a atenção dada às pessoas, os comandos, enfim, momentos de cultivar o aluno, que é a razão da existência da escola.

Dá-se grande importância ao papel do educador como líder, procurando valorizar e destacar o potencial que ele tem, elucidando a importância do educador poder ser ele mesmo, valorizando e explorando o seu potencial, para evitar que modelos de liderança o transformem num executor de posturas requeridas por outras pessoas que não atuam diretamente com os alunos.

Este trabalho não tem a intenção de examinar profundamente as três áreas de estudo, mas um mínimo recorte teórico se faz necessário para que o leitor possa ter uma orientação crítica sobre o olhar de cada um destes campos.

A tarefa maior que se pretende atingir, é que educadores de todas as áreas possam ter uma pequena visão de cada um dos três estudos apresentados, para que, em seguida, possam compreender os bastidores que existem por trás de cada atitude em todos os momentos e em todos os lugares do universo escolar. A união destas três áreas é apresentada numa criação de situações fictícias e que apontam hipóteses que poderiam acontecer em qualquer escola.

### **1.1 Justificativa**

A Semiótica já auxiliou diversas áreas, esclarecendo como as mensagens são decodificadas e conduzindo um trabalho eficaz da comunicação. Algumas escolas, mesmo sem saber, utilizam alguns princípios deste estudo por meio das orientações do marketing. Porém, a relação educador /aluno no ambiente escolar ainda apresenta muitos pontos conflitantes que divergem e dificultam o processo de aprendizagem.

Estudiosos como Mikhail Bakhtin, Charles Peirce, Lev Vygotsky, Lucia Santaella e Umberto Eco são grandes nomes do estudo sobre a estrutura semiótica e estão presentes neste trabalho, mas é importante elucidar que ainda existem lacunas sobre os estudos da produção de significação e de sentido.

Não somos seres totalmente racionais e nem totalmente guiados pela emoção. Um detalhado trabalho centrado nas emoções humanas, adequando a

idade e a necessidade do aluno ao ambiente escolar, pode contribuir para que o aluno se sinta parte da escola e queira aprender mais e melhor.

A comprovação da força da emoção nas relações e nas decisões do ser humano tem motivado estudos em diversas áreas, dentre elas, a pedagogia adotada por Rubem Alves, que aborda o tema de uma maneira clara e prazerosa.

Todo indivíduo possui condições de ser um líder e os educadores usufruem uma vantagem, que é o ambiente escolar. A escola é um meio que tem por objetivo, preparar as pessoas para uma vida de bem e de paz e é um lugar onde os alunos geralmente buscam um guia, um orientador na figura do educador. Entende-se como educador toda pessoa que atua na escola.

A visão semiótica sobre a emoção na escola e a liderança do educador pode contribuir ricamente na proposta pedagógica da escola, esclarecendo algumas dúvidas e evidenciando pontos relevantes que eram negligenciados pela comunidade escolar.

## **1.2 Problema de Pesquisa**

Muitas áreas como a indústria, a mídia, o design e o comércio valorizam a qualidade da comunicação das pessoas que prestam algum serviço e também demonstram uma preocupação em oferecer um ambiente adequado e agradável àqueles que recebem tal serviço. No entanto, apesar de também serem prestadoras de serviço, poucas escolas parecem pensar da mesma maneira, pois ainda desenvolvem seus trabalhos tendo o aluno como um ser racional, desprovido de emoções.

Na área empresarial fala-se muito em gestão e em liderança de pessoas porque hoje as empresas têm o desenvolvimento do ser humano como fator condutor da organização em direção ao crescimento. A escola, apesar das falas sobre as responsabilidades pedagógicas do educador, ainda não lhe delega a tarefa de gestor, ou quando faz, atua de maneira totalmente ineficiente e prejudicial ao processo de aprendizagem do aluno.

Na busca por se fazerem entender, muitos educadores utilizam um tipo de comunicação que é, simbolicamente ineficaz pois semeia mensagens diferentes daquelas pretendidas.

### **1.3 Hipóteses**

O esclarecimento sobre a estrutura semiótica no ambiente escolar pode convidar o educador para uma reflexão sobre a eficácia da sua comunicação.

A valorização das emoções na atuação de um educador consciente do seu papel de líder pode facilitar a aprendizagem do aluno.

### **1.4 Objetivos**

#### **1.4.1 Objetivo geral**

Despertar nos educadores um olhar diferenciado do ambiente e das relações humanas que acontecem na escola, identificando no seu trabalho, alguns princípios da Semiótica, da emoção e da liderança, para possibilitar um universo escolar mais produtivo.

#### **1.4.2 Objetivos específicos**

- a) Orientar os educadores para uma reflexão sobre todo o universo verbal e não verbal que envolve as relações entre alunos e educadores na escola;
- b) Evidenciar para a comunidade escolar que todo indivíduo que trabalha na escola deve desempenhar as funções de educador, seja ele um porteiro, um professor ou um diretor, por exemplo;
- c) Promover as condições para que todo educador possa desenvolver sua liderança, conhecendo e respeitando suas potencialidades;
- d) Valorizar o trabalho das emoções na escola, tendo o corpo como instrumento de comunicação com o mundo, por meio dos sentidos;
- e) Conectar os princípios dos estudos da Semiótica, das emoções e da liderança, num trabalho direcionado ao ambiente escolar e de vocabulário acessível a todos os educadores das diferentes áreas do conhecimento.

### **1.5 Metodologia de pesquisa**

A metodologia utilizada foi feita por meio de livros de autores das áreas de educação, semiótica, psicologia e de sites específicos. Esta pesquisa teórica levantou hipóteses sobre os pontos em comum entre a semiótica, a emoção humana e a liderança no trabalho do educador. As hipóteses levantadas são ilustradas em situações rotineiras do cotidiano escolar e inspiradas pela experiência de mais de quinze anos em magistério da autora. O tema pesquisado surgiu da observação de acontecimentos escolares que sugeririam uma limitação no trabalho do educador diante do seu papel na escola, visto que na realidade das escolas brasileiras, geralmente o que prevalece é a ordem dada por uma hierarquia maior e não a autonomia do educador.

As leituras da área da Semiótica fazem um diálogo com o mundo no qual vivemos e mostra que cada objeto, gesto ou palavra é um universo simbólico e a escola e seus educadores não estariam fora deste contexto. A pesquisa sobre as emoções nos mostra que o ser humano é um ser profundamente emocional e seus impulsos com relação aos seus prazeres comprovam que a razão não é o que impera nas suas escolhas. Com base nesta pesquisa, este trabalho sugere que a escola tenha ambientes que despertem o interesse e o prazer do aluno para que o seu desenvolvimento seja o mais pleno possível. A literatura que fala da liderança vê um líder natural em toda pessoa que assuma o papel de educador.

## **1.6 Delimitação do estudo**

Este trabalho tem como objeto de estudo teórico a emoção na relação educador/aluno, tendo como foco de reflexão, os princípios da Semiótica na comunicação do educador consciente do seu papel de líder na sua comunidade escolar. A questão básica trata de observar a eficácia do ambiente escolar, promovendo uma releitura de pequenos detalhes do cotidiano da escola.

## **1.7 Descrição dos Capítulos**

### **A Semiótica**

Neste capítulo fala-se brevemente da Semiótica, que é a ciência que retrata a representação das mensagens que enviamos e recebemos em cada ato comunicativo, verbal ou não verbal. Por meio do seu estudo, é possível ter um olhar filosófico das estruturas que compõem a linguagem dos ambientes e das pessoas.

Ainda neste capítulo, são evidenciadas as estruturas da Semiótica que estão presentes no nosso cotidiano rotineiro e também no contexto escolar.

### A Emoção

Este capítulo nos convida a observar o nosso ambiente e o nosso comportamento diante dele, vendo o ser humano como um ser emocional, e não um ser racional. Se às vezes agimos como crianças diante de um desejo, de um vício ou de uma situação mais delicada, é porque realmente temos uma grande criança dentro de nós. Somos conduzidos pelo nosso coração porque queremos ser felizes. É importante ressaltar que todo indivíduo que atua na escola é um educador e como tal, precisa ter sensibilidade em conduzir o saber e fazer da escola um ambiente mais humano.

### A Liderança

Aqui procura-se conscientizar o educador a ser um líder, pois a liderança não é inata, mas exercitada. Para desempenhar seu papel de líder, um educador precisa ter em mente que, sendo ele o gestor do seu próprio trabalho, necessita ter ciência da sua responsabilidade, pois ele é um modelo que geralmente será seguido. Ele precisa ter uma visão estratégica que solucione os problemas existentes e preveja crises futuras, nunca esquecendo do desenvolvimento da união da sua equipe.

### Situações Hipotéticas

São situações do cotidiano escolar ou familiar de uma pessoa que estuda no Ensino Fundamental, criadas com o objetivo de ilustrar o tema do trabalho por meio



de exemplos práticos, evidenciando algumas atitudes comuns de serem observadas, nas quais a comunicação não acontece de maneira satisfatória porque o resultado obtido é diferente daquele desejado.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO

### 2.1 A Semiótica

*“É impossível estabelecer uma  
semiótica da comunicação,  
independente de uma  
semiótica da significação.”  
Umberto Eco*

#### 2.1.1 A tal da Semiótica

Olá para você que está lendo este trabalho! Acredito que você deve ter sentado para poder ler com mais conforto. Se sim, você talvez esteja usando uma cadeira, uma poltrona, um sofá, uma cama, o chão, uma rede, uma árvore ou algum outro objeto qualquer. O que você está vestindo? Caso você esteja vestindo alguma coisa, é confortável, esportivo, clássico, íntimo, chique, novo, velho, especial, comum ou básico? Imagine que você acaba de saber que alguém está chegando para lhe fazer uma visita. Você continuaria nesta posição e usaria as mesmas roupas se fosse a pessoa que você mais ama que estivesse chegando? E se fosse uma pessoa desconhecida, ou um parente meio chato, um prefeito ou ainda uma criança adorável? Você teria as mesmas atitudes com cada um dos visitantes? Você seria amável, indiferente, artificial ou natural? Você acha que seria a mesma pessoa no final da visita? Você certamente seria a mesma pessoa na essência, mas com uma mudança tanto física quanto comportamental.

Como vivemos num mundo simbólico, você, mudando ou não, estaria no lugar de sentimentos e valores em relação a esta pessoa, simbolizando a cultura existente entre você, ela e o mundo. O seu comportamento seria um signo, assim como tudo é

signo. Mas o que é um signo? Peirce responderia que *“um signo é aquilo que, sob um certo aspecto ou modo, representa algo para alguém.”* (PEIRCE, 2000, p. 46) Mas um signo não está só, ele implica uma tríade relação de *signo* (suas roupas, sua postura e seu comportamento), *objeto* (sentimentos e valores) e *interpretante* (o fruto do encontro, que está na mente das pessoas envolvidas). Há ainda a possibilidade de um signo se transformar em novos signos. Esse é o mundo dos símbolos, que mora dentro de cada um de nós e que podemos chamar de Semiótica, de Lógica ou de Semiologia. Que frutos semeamos na nossa comunicação, como semeamos e que frutos vamos colher? Pensar assim é pensar de uma maneira semiótica.

#### 2.1.2 A teoria da mentira

O mundo que conhecemos não é o mundo real, é apenas uma informação, um sinal que recebemos dele. Umberto Eco define a Semiótica como *“a teoria da mentira”* (ECO, 1999, p. 17), sendo uma estrutura presente ou ausente. Com um poder magnânimo, este sinal pode chegar às estruturas da mente e dizer ao nosso consciente o que devemos vestir, comer, comprar, apreciar, admirar, amar ou odiar. Um exemplo disso são os *slogans*. Uma cidade, por exemplo, pelo simples fato de ser chamada de capital social ou de capital ecológica, já nos emite, num primeiro momento, um sinal positivo em relação a ela, mesmo que este lugar não tenha nada de ecológico ou de social.

Somos facilmente conquistados por aquilo que é bom, harmonioso e bonito. A Lógica, outro nome dado à semiótica, por meio das palavras de Pinker, explica como a nossa mente lê o mundo *“Lógica, no sentido técnico, não se refere à racionalidade*

*em geral, mas à inferência da verdade de uma afirmação a partir da verdade de outras afirmações com base apenas na forma destas e não no conteúdo.*” (PINKER, 1999, p. 354) Ou seja, se uma pessoa ou alguma coisa emitir um sinal de harmonia, logo, é bom. Por exemplo: uma escola que seja limpinha, bem iluminada, com móveis confortáveis, cheirosa, enfeitada deve ser uma escola boa, certo? Sim, a nossa mente provavelmente nos dirá que aquela é a escola dos nossos sonhos. Porém, ainda segundo Pinker, “Nossas maiores emoções são evocadas não por coisas, mas por pessoas.” (PINKER, 1999 p. 418) Então, de nada adianta fazer uma escola perfeita do ponto de vista material e pecar no quesito humano. Um educador que conquista seu aluno vale muito mais do que uma sala de aula perfumada e florida. Essa conquista deve ser natural e espontânea, pois, ao mesmo tempo em que a nossa mente é facilmente encantada pelo material, “Ela (a mente) parece possuir um detector de trapaceiros com uma lógica própria.” (PINKER, 1999, p. 357). É por isso que hoje, as lojas preferem vendedores que realmente conheçam, consumam e gostem dos produtos que vendem a seus clientes.

### 2.1.3 O campo de estudo

A Semiótica é uma ciência que estuda todo tipo de linguagem, verbal ou não verbal, enquanto a Lingüística é uma ciência apenas da linguagem verbal. Ela teve seus primeiros estudos lançados entre o final do século XIX e o início do século XX. Os princípios fundamentais foram estabelecidos por dois cientistas: o americano Charles Sanders Peirce e o suíço Ferdinand de Saussure. O trabalho de Peirce tem uma forte tonalidade filosófica. Saussure aborda mais a Lingüística. Nenhum dos dois publicou suas teorias de forma completa em vida. Atualmente existe um grande esforço para formalizar, completar e desenvolver essas teorias. Peirce é

considerado um dos grandes cientistas e estudou várias áreas do conhecimento, como Matemática, Línguas, História, Física, Astronomia, entre outras. Seus estudos da Lógica foram valiosos e culminaram numa Filosofia científica da linguagem, que contribuiu imensamente nos estudos da Semiótica.

Somos seres simbólicos porque produzimos e lemos uma rede intrincada de linguagens. Como a linguagem é o campo de estudo da Semiótica, pode-se dizer que tudo o que produzimos é objeto de estudo da ciência dos signos. “A Fenomenologia é a ciência que estuda tudo o que aparece na mente humana e os princípios da Semiótica são baseados nos fenômenos humanos.” (SANTAELLA, 1999, p. 30). Lúcia Santaella chega a afirmar também que *“A fenomenologia e a semiótica não estão separadas, mas, ao contrário, firmemente atadas.”* (SANTAELLA, 2002, p. 146)

Peirce defendia que as ciências são falíveis e a Semiótica, que também não é absoluta, está igualmente exposta ao Falibilismo. Os estudos semióticos, assim como a mente humana, estão sujeitos a erros e a mudanças contínuas.

Partindo ainda do princípio de que toda produção de linguagem é estudada pela Semiótica, como consequência, os órgãos do sentido são objeto de estudo, pois são os canais de comunicação da nossa mente com o mundo. Cada gesto, cheiro, tom de voz, toque, imagem, palavra, som, sabor, enfim, tudo emite uma mensagem, um sinal que pode ser positivo ou negativo. Nossa mente dialoga com o nosso mundo, mesmo quando achamos que ficamos indiferentes a este fenômeno, pois ela lê tudo o que está inserido no nosso ambiente. As mensagens subliminares são um exemplo disso.

#### 2.1.4 Uma linguagem eficaz

*“A palavra é o fenômeno ideológico por excelência.”  
Bakhtin*

É pouco provável que uma pessoa nos anos 70 imaginasse uma Era da Informação sem um pleno desenvolvimento da capacidade humana de comunicação, no entanto, comunicar-se e bem, infelizmente ainda tem sido um complexo desafio para a sociedade. As pessoas têm cada vez mais consciência de que aquilo que elas enviam, muitas vezes não é a mensagem recebida e uma possível e simples integração passa a ser um objetivo quase inatingível.

Bakhtin (1995, p. 36) lembra também que a palavra como mensagem, é uma estrutura pura e que complexo é o modo e o canal que o homem utiliza na sua prática, distanciando o receptor da essência da mensagem que pode ser feita de palavra escrita, falada, cantada, desenhada, pintada, tocada, cheirada, vista, gesticulada, saboreada ou simplesmente, sentida. Bakhtin compreende que *“existe diálogo em toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja.”* (BAKHTIN, 1995, p. 123) Ele defende que não há atividade mental sem expressão semiótica, logo, um educador que ensina matemática, por exemplo, não emite apenas teorias matemáticas, mas dialoga constantemente com seus alunos e com a comunidade ao seu redor, toda sua cultura histórica e social, fazendo da relação, uma troca constante de signos.

A linguagem na dialética de Vygotsky é uma das Funções Mentais Superiores e representa uma forma simbólica da relação indivíduo/mundo, sendo mediada por signos e tendo uma origem cultural na sua essência. A formação de conceitos é um processo intelectual ativo e faz parte do universo comunicativo. *“O material sensorial e a palavra são partes indispensáveis à formação de conceitos.”* (VYGOTSKY, 1998,

p. 66). A relação entre o conceito e a realidade é complexa e ainda pouco explorada.

#### 2.1.5 A Semiótica na escola

O educador que ama a sua área de conhecimento, é uma ferramenta a mais no saber do aluno. Se ele for capaz de encantar, o aluno poderá talvez perceber que existe algo pelo qual alguém de fato se interessou e que talvez possa valer a pena seguir o mesmo caminho. Mas se esta não for a realidade vivida pelo educador, se ele apenas transmitir aquilo que leu nos livros, por mais que ele fale que tal assunto é interessante, todo seu corpo estará dizendo o contrário e o aluno provavelmente terá aquele conhecimento como algo para apenas ser cumprido. Moran foi feliz quando disse que *“Educar é aprender a comunicar-se verdadeiramente: a tornar mais transparentes, expressar-nos com todo o corpo, com a mente, com todas as linguagens, verbais e não-verbais, com todas as tecnologias disponíveis.”* (MORAN, 1998, p. 156) A mente humana é capaz de fazer leituras e diálogos bastante profundos de detalhes aparentemente insignificantes, mas que certamente têm um grande poder de semear profundos significados.

As escolas de crianças têm cara de escola de criança? Infelizmente aquele papel sulfite branco na parede clara ainda impera em muitas escolas. E as escolas para adolescentes? Elas têm a cara dos adolescentes, como são os produtos para adolescentes, que são uma mistura de cor e de imagem em movimento? Quem olha com atenção uma embalagem de achocolatado em pó, por exemplo, logo percebe que ele é elaborado para adolescentes.

Um educador não tem a obrigação de conhecer profundamente o universo semiótico que existe nos bastidores do comércio, mas ele pode ser um observador que junte as peças de um quebra cabeça e crie uma linda imagem na sua escola.

#### 2.1.6 A Semiótica no nosso cotidiano

*“A estética ambiental é um fator fundamental em nossa vida. O humor depende do ambiente.”*  
*Pinker*

Vamos dar uma voltinha? Vamos observar um pouco do universo que nos cerca? Que tal observarmos os diversos ambientes por onde andamos? O comércio é um dos segmentos que mais se utiliza dos estudos semióticos, sejam eles determinantes da escolha da forma, da luz, da cor, do cheiro, do som, do espaço, da limpeza nos ambientes e também do comportamento das pessoas que recebem seus clientes.

Há pouco tempo, uma grande rede de supermercados instalou sua primeira loja em Curitiba. Uma das coisas que mais se ouvia dizer nas rodas de amigos era que lá, as pessoas que operavam os caixas diziam bom dia, boa tarde e boa noite quando o cliente chegava para passar as compras. Dar uma palavra de atenção era novidade naquela época. Hoje, em Curitiba, é muito difícil que um bom ponto comercial não cumprimente seu cliente quando ele chega. Tão pouco tempo e uma mudança tão grande de comportamento. Há não muito tempo, um cliente que desejasse trocar uma mercadoria era visto como uma pessoa chata. Hoje, o mesmo tipo de cliente é quase tratado como um rei, pois um cliente insatisfeito pode ajudar a empresa a descobrir suas falhas e melhorar seu produto. A qualidade dos serviços melhorou bastante. E na escola? Será que todas as pessoas que trabalham lá têm



consciência da importância de um bom atendimento? Será que elas olham para os alunos e para os seus colegas?

Alguns lugares que freqüentamos têm luz branca, em outros a luz é amarela, que é mais aconchegante. Qual é a cor que geralmente é usada nos grandes supermercados? E nos bons restaurantes? Nas lojas, nos salões de beleza? Como está a luz das escolas?

Você já viu uma embalagem de batom na cor azul bebê? E uma embalagem de amaciante na cor dourada? *“Idéias podem ser comunicadas através das cores.”* (WHELAN, 1997, p.7) e assim, um produto pode atrair ou afastar seu provável comprador. As cores rosa e azul bebê transmitem suavidade, romantismo, que combinam muito bem com um produto como o amaciante. Já o dourado dá uma idéia de elegância e o prateado dá uma idéia de profissionalismo, que ficam bem numa embalagem de batom. Os brinquedos e produtos para crianças em geral, utilizam basicamente as quatro cores básicas que são o amarelo e o verde que são cores claras e que chamam à atenção e ainda o azul, que com sua frieza acalma e o vermelho, que com seu calor, contrasta com o azul e também atrai à atenção. Isso tudo desperta a curiosidade da criança.

#### 2.1.7 Um trunfo da Semiótica

Digamos que você tenha resolvido cometer uma loucura e tenha decidido assaltar alguém. Como você se vestiria? Iria colocar aquela meia fina na cabeça com aquele lenço preto na cara e sairia na rua com uma arma em punho para “surpreender” a sua vítima? Espero que não. O melhor ladrão é aquele que ninguém sabe que ele vai roubar alguém. Se você pensar como um ladrão, você vai entender

como a Semiótica é estruturada. O objetivo dela não é anunciar, ao contrário. É entrar pelos fundos, sem que ninguém perceba. Quando você se dá conta, já levaram a sua carteira.

Já aconteceu de você ficar com uma música bem boba na cabeça? Mesmo sem você ter estudado a música, a letra dela vem e você não consegue parar de pensar nela. Por quê? Parece que esta música entrou na sua mente por algum canal que estava descuidadamente aberto, porque você não sabia que ela ia entrar. Assim como aquele ladrão que não tinha cara de ladrão e entrou pelos fundos, enquanto a porta da frente estava bem trancada. Enquanto fazemos alguma coisa, uma parte da nossa mente se concentra nesta tarefa, mas uma outra parte capta tudo o que acontece ao nosso redor. As músicas bobas na nossa cabeça são uma prova disso. É por isso que algumas pessoas estudam línguas enquanto fazem alguma tarefa, deixando a televisão ou o som ligados naquele idioma. Uma parte da mente vai se concentrar na tarefa e a outra, no som do ambiente. A sutileza nos detalhes tem um espaço privilegiado nessas horas.

## 2.2 A emoção

### 2.2.1 A emoção, uma companheira

*“As emoções são os mecanismos que desencadeiam os objetivos no mais alto nível do cérebro”.  
Fialho*

A indústria, a medicina e o comércio comprovaram o que a psicologia já defendia: por meio da emoção, é possível chegar a lugares muito interessantes da mente humana. É interessante refletir sobre o fato de uma pessoa sentir-se melhor em alguns lugares e em outros, não. Quando anda por um centro comercial recheado de lojas, por que em algumas entra só para conhecer e acaba ficando. É conquistada e compra algo que não estava previsto, às vezes nem necessário. E de outras lojas, nem chega perto? Não é raro ir a um supermercado comprar um ou dois produtos e sair de lá com um carrinho de compras que não estavam na lista. O que acontece nesses lugares? Seria uma magia no ar? A mente humana troca informações com coisas aparentemente ausentes?

Não é mágica. O que o ser humano tem, é sede de emoções. Hoje isso até parece algo um pouco óbvio, mas há algum tempo, o homem era orgulhosamente chamado de animal racional e os sentimentos, muitas vezes, eram tidos como uma maneira romântica de ver a vida, conforme apontado por Pinker: *“As emoções são uma outra parte da mente que foi prematuramente menosprezada”* (PINKER, 1998, p. 390). Hoje é sabido que a motivação é interna, mas estimulando os sentidos, como *“interlocutores do mundo”* (ASSMANN, 1999, p. 37), é mais do que necessário para trabalhar a emoção como um meio auxiliador na aprendizagem e para isso, não é preciso criar um espetáculo para atingir o seu objetivo, pois são detalhes simples

como um sorriso espontâneo ou um cumprimento carinhoso e verdadeiro que desencadeiam reações muito puras, mas também muito fortes no ser humano. O educador possui condições de elaborar um trabalho centrado nos sentidos, para chegar à emoção. Pode criar ambientes em sua sala de aula, fazendo dela um lugar agradável e adequado às suas necessidades, aos seus sonhos, ou pelo menos, pode sorrir, perguntar se o seu aluno está bem, ser familiar, mesmo sem ser da família. Infelizmente ainda é comum que numa mesma sala de aula, em períodos diferentes, estudem pessoas de 7, de 17 e de 47 anos de idade, usando as mesmas carteiras e olhando para as mesmas paredes.

## 2.2.2 Gerindo a aprendizagem

*“Assim a aprendizagem põe frente a frente, em uma interação que nunca é uma simples circulação de informações, um sujeito e o mundo, um aprendiz que já sabe sempre alguma coisa e um saber que só existe porque é reconstruído”.*  
Philippe Meirieu

Por que algumas aulas aparentemente simples acabam encantando, surpreendendo os alunos e outras tão bem elaboradas acabam naufragando na sua própria essência? Será que aquelas aulas eram tão simples e estas realmente elaboradas? Eram aulas que convidavam para uma aventura desafiadora, provocavam um doce enigma no educando? Estavam de acordo com os anseios das crianças? Os seus ídolos, as suas danças, as suas cores e os seus sonhos estavam presentes em classe? Quando alguns estudiosos defendem que é necessário contextualizar, criar “situações-problema e não somente exercícios” (POZO, 1998 p. 159), oportunizar a pesquisa, desenvolver projetos, o educador realmente

consciente de sua liderança, na prática, deve possibilitar que o aprendizado tenha características do próprio aluno, de coisas que façam parte do seu cotidiano, mesmo que não sejam ideais para a sua formação, pois trabalhando sistematicamente em classe, em pequenos grupos, é possível naturalmente elaborar conceitos simplificados da validade ou não de tais coisas, *“aprendendo a aprender”* (DEMO, 1995 p. 129), mas também aprendendo a desaprender. Cada aula é uma pequena lição para a vida e o educando deve saber, de imediato, como poderá aplicar esse conhecimento, pois aprender para um provável futuro, se para um adulto já é algo muito distante, para uma criança ou um adolescente, ainda é uma coisa inatingível, sem muito peso.

Como é sabido, as falhas são companheiras certas de um trabalho e, como já citado anteriormente, não devem desanimar. Porém, uma triste realidade que é observada na escola, é o fato do educador retornar a uma visão conteudista, *“retomando o ineficaz”* (MEIRIEU, 1998 p. 63), tomando uma errônea atitude de expectador, não de líder. Um grande líder não desiste tão fácil dos seus propósitos e a sua perseverança servirá de espelho para os pequenos, encorajando-os a fazer o mesmo.

Alunos com bloqueios e alunos com dificuldades requerem diferentes trabalhos. Estes querem aprender e necessitam que o enfoque seja mais aprofundado, enquanto aqueles ainda estão centrados em outra realidade e merecem uma mudança total de rumo no processo. Em todo trabalho metódico, deve-se ter cuidado para não focar o problema com excesso de artificialidade, transformando a aprendizagem em algo mecânico, exageradamente técnico. Seria interessante se na escola, o aluno soubesse um pouco menos, mas fosse muito

mais, tivesse valores melhor elaborados. Hoje novas profissões estão surgindo e outras estão desaparecendo. Talvez um aluno, futuramente desenvolva uma função de trabalho que ainda não existe hoje. Logo, é melhor que ele esteja preparado para ser qualquer coisa e não necessariamente que ele já saiba coisas, mas que ele aprenda constantemente a aprender.

### 2.2.3 Fomos feitos para brincar

*“amar é brincar, não leva a nada ... quem  
brinca, já chegou”  
Rubem Alves*

Às vezes os adultos preferem não lembrar de como eram quando crianças e perdem uma conexão importante com as memórias da sua infância: o prazer de brincar, que como disse Rubem Alves *“não é para levar a nada, é só para brincar”* (ALVES, 2001/a, p.74). Quem brinca, já descobriu muitas coisas. Se adultos gostam de um jogo de cartas, de boliche, de ficar num site de jogos na Internet, porque um aluno de 6, 7 ou 8 anos de idade não pode querer brincar mais na escola? Atrasaria o programa? E se o programa o desafiasse a jogos fascinantes ou curiosas descobertas? E se aprender sempre tivesse o sabor do lúdico, do gostoso e do inacabado?

Se os animais vivem por instinto, então os filhotes “perdem” tempo quando brincam? Será que na natureza, os animais antecipadamente descobriram a melhor maneira de aprender? E a escola? Até quando ela vai esperar?

#### 2.2.4 Aprendizagem & emoção

No processo de desenvolvimento do ser humano, uma das principais expressões da vida são as emoções e os sentimentos. O fato de existir emoção em tudo aquilo que fazemos parece estar claro, mas como podemos fazer dos nossos ambientes um universo agradável, repleto de experiências convidativas, que nos conduza com prazer e nos dêem a possibilidade de sermos humanos?

O corpo é o nosso instrumento de comunicação com o mundo e é por meio dos sentidos que trocamos as mais diversas informações com tudo que nos cerca (Assmann, p. 1999). Experimentamos flutuações de humor naturais em nosso cotidiano num determinado momento nos sentimos muito bem, no outro nos sentimos muito mal. Se até os porcos são criados com música e ambiente agradável, por que com o ser humano não pode acontecer o mesmo?

Lidamos com as emoções de acordo com o que pensamos sobre elas. Assim, devemos sempre nos perguntar quais emoções impedem nossa felicidade. Progressivamente, o ser humano vai percebendo que dentro do peito sente uma dor profunda cada vez que algo triste acontece, que às vezes sente falta de alguém e a sua vontade é de estar junto dessa pessoa, saber que vai poder estar ali o tempo que precisar, que o riso vem fácil, assim como a vontade de querer contar para alguém algo feliz que acontece, ou aquele desejo de fugir e ficar perto de alguém em quem confia quando se sente ameaçado.

Lamentavelmente, muitas pessoas em virtude da formação que tiveram, sentem-se incomodadas com as suas emoções, e procuram reprimi-las, muitas vezes a partir dos ensinamentos de seus pais, professores, etc.

É importante lembrar da importância da escola para a saúde mental do educando. No entanto, é preciso pensar nos graves problemas de aprendizagem existentes sob o ponto de vista emocional, tendo como pano de fundo, o impacto causado pelo sistema educacional. A maneira como o educando vai reagir e se adaptar é, provavelmente, típica de suas atitudes diante das diversas etapas da sua vida. A escola é importante para que os alunos alcancem a saúde mental por meio dos estabelecimentos de relações construtivas com seus pares e também com o educador. O aluno deve aprender na escola, a trabalhar suas próprias capacidades e limitações. A saúde mental depende muito dos sentimentos de mérito e auto-respeito, e os anos escolares são essenciais para que se desenvolva a auto-estima. Almeida lembra que *“O desenvolvimento (do indivíduo) depende não apenas do aspecto orgânico, mas principalmente da qualidade das interações que o indivíduo mantém com o meio em que vive. (ALMEIDA, 2001, p. 97).* No entanto, muitas vezes o meio escolar não consegue cumprir o seu objetivo de integrar o aluno à nova realidade e ampliar seus horizontes, chegando a fazer um espelhamento das atitudes do educando. Algumas vezes o sistema escolar prejudica o desenvolvimento natural do aluno, inibindo algumas de suas potencialidades e interferindo no seu estado emocional.

Algumas dificuldades típicas de aprendizagem, embora atribuídas a uma variedade de fatores físicos, podem ter como base um fator de ordem emocional. O aluno pode estar dominado por um conflito que o impede de manter a atenção no que se passa ao seu redor. Este fator emocional é, com bastante frequência, fornecido pela própria escola. A escola muitas vezes não respeita os estágios normais de desenvolvimento do educando, valorizando muito o lado intelectual. Com



isso, a criatividade é abafada. A criança que no início de seus anos escolares demonstrava grande criatividade e curiosidade para explorar o ambiente à sua volta, ao fim de sua formação terá se tornado apenas capaz de fornecer respostas sem grandes significados a perguntas proferidas da mesma forma.

#### 2.2.5 O papel do educador

Algumas vezes, o impacto que a escola causa no aluno evolui para uma fobia escolar, que se caracteriza por uma relutância externa em ir para a escola, resultado da ansiedade e do medo que esta provoca. Não podemos, portanto, desprezar ou minimizar as reações do aluno diante da nova situação, que demonstram a importância que tem a escola para ele.

Levando-se em conta que todo indivíduo que atua na escola é um educador, observa-se que o seu papel é de fundamental importância. Um educador autoritário, rígido, inseguro ou mal preparado tende a agravar a situação, já que não está consciente da sua própria importância para a formação de seus alunos. É o educador quem muitas vezes determina o perfil do “bom aluno” e, na maioria das vezes, o faz sem levar em conta as condições individuais / emocionais de cada criança. Este perfil tende a valorizar, por exemplo, qualidades que a criança carente dificilmente tem condições de apresentar. Características como curiosidade, inventividade e capacidade de fazer perguntas, raramente são levadas em conta pelo educador em sua avaliação. Por outro lado, as atitudes que a escola aprecia normalmente são: atenção, bom comportamento, desempenho nos testes formais, etc., quando temos conhecimento que estes são fatores que podem ser influenciados de diversas maneiras pelas condições emocionais do aluno. Assim,

forma-se o círculo vicioso: o educador avalia no aluno capacidades que ele não está em condições de oferecer por seu desenvolvimento normal. Isso lhe gera ansiedade e prejudica sua auto-estima, desencorajando-o e levando-o a novos fracassos escolares, sob o ponto de vista do educador.

Para que o aluno se sinta seguro, o educador deve aceitá-lo como ele é, com seu ritmo próprio de aprendizagem e desenvolvimento. Ao educador cabe também compreender que o aluno é um ser envolvido na sua descoberta do mundo e que nem tudo o que ele faz, que se opõe às expectativas do próprio educador, é errado e passível de objeção. A falta de sensibilidade de alguns educadores em relação ao amadurecimento afetivo de cada aluno está na raiz de muitos conflitos, bloqueios, frustrações e fenômenos que interferem constantemente na prática escolar. Algumas vezes, por exemplo, os educadores têm tendência a concentrar suas atenções e a recompensar mais o ego daqueles alunos mais “inteligentes” informados ou de melhores maneiras.

Neste contexto, torna-se necessário abordar, a situação do aluno da classe social mais baixa. Este aluno já inicia sua vida escolar com sérias desvantagens. Nem sempre a escola valoriza a experiência da realidade que ele tem e insiste em avaliá-la por padrões rígidos pré-estabelecidos. Para o fracasso deste aluno, muitas vezes contribui o preconceito do educador em relação às suas capacidades. Além disso, para a criança, a língua é um elemento fundamental de sua identidade pessoal e cultural: quando entra na escola, ela recebe duras críticas, por não falar a língua dita “erudita”. E é atingida por esta situação.

Também devem ser consideradas as influências que o aluno, com problemas de aprendizagem, recebe de sua família. Os pais, muitas vezes, ao invés de tentar

compreender a situação, agravam a sua predisposição contra a escola. Muitos problemas emocionais e bloqueios à aprendizagem podem ser causados pela sua descoberta de que a afeição e aceitação dos pais dependem de suas notas na escola.

A escola, muitas vezes, apresenta incoerência em suas propostas e objetivos, quanto à educação . Basta dizer, por exemplo , que o aluno reprovado é obrigado a repetir a mesma série, geralmente com o mesmo educador e na mesma modalidade de ensino. Em resumo, a repetência se dá sob circunstâncias exatamente iguais às que o levaram ao fracasso.

Diante dos fatos apresentados, pode-se afirmar que a escola tem um papel muito importante no desenvolvimento emocional do educando, porém a própria estrutura do sistema escolar se encarrega de gerar ou agravar problemas emocionais e bloqueios à aprendizagem. É importante que se compreenda que esta estrutura escolar faz parte de um contexto mais amplo, no qual está inserido também a situação familiar da criança e as inter-relações sociais. Almeida diz que *“A escola ainda não descobriu que a mudança deve ocorrer não no tipo de relação, mas na atuação do professor, assumida como a de um observador, intérprete perspicaz...”* (ALMEIDA, 2001, p. 107) O papel do educador também deve ser reavaliado, questionando-se a sua onipotência em moldar a “tábua rasa”, que supõe ser a criança, em vez de preocupar-se com relação humana realmente afetiva, onde ambas as partes aprendem uma com a outra.

### 2.2.6 Heartstorming

*“Finalmente, não é a razão o que nos  
leva à ação, mas a emoção”.  
Humberto Maturana*

Num mundo atribulado como o nosso, as tomadas de decisões pela razão parecem garantir a sobrevivência diante de um problema, pois dão uma aparente segurança. Porém, muitas vezes nos surpreendemos quando percebemos que fizemos algo que estaria longe de ser o correto e de ter sido guiado pela razão. É comum ouvir pessoas dizendo que fizeram algo divertido como uma viagem ou um programa mais curto, mas não deveriam ter feito porque não estavam em boas condições financeiras. Percebe-se que nesses casos, a razão não teve muita força sobre o desejo de se divertir. É a famosa troca do prazer imediato pelo prazer a longo prazo. Aqui, o pensar e o sentir se confundem. Fialho lembra que *“Cada emoção humana mobiliza a mente e o corpo para localizar um dos desafios associados ao viver e reproduzir no nicho cognitivo.”* (FIALHO, 2001, p. 216) Viajar e curtir a vida fazia mais sentido do que economizar.

Heartstorming é um processo que trabalha a razão unida à emoção. Keenan diz que *“O coração é um pensador.”* (KEENAN, 2002, p. 4) A razão e o amor caminham juntos. Já perdemos muito tempo achando que agíamos pela razão. Se assumirmos que somos seres emocionais, poderemos conhecer nossos limites e nossos potenciais, assim como conhecer melhor o nosso aluno. Saber quais são seus sonhos, seus medos e as suas alegrias.

## 2.3 A liderança

### 2.3.1 O educador como um líder

Mahatma Gandhi, Martin Luther King, Mikhail Gorgatchóv, Giuseppe Garibaldi, Dalai Lama, Nelson Mandela, Madre Teresa de Calcutá, Abraham Lincoln, João Paulo II, Winston Churchill... Seriam todos seres dotados de um poder magnânimo, paranormal, longe de serem comparados com simples profissionais de um mercado qualquer? Por que ouvimos tanto falar dessas personalidades em cursos, palestras da área industrial ou comercial, vemos empresários, executivos sedentos de quaisquer informações a respeito das técnicas utilizadas por eles e na área da educação, aparecem somente quando são citados em aulas de história? Será que a classe de educadores ainda não sente que, sendo condutora de uma turma, é diretamente responsável por ela, pelo trabalho a ser desenvolvido e também por ela mesma, como modelo a ser seguido? E, tendo consciência de que devem ser líderes, sistematizam a sua prática, compreendendo e percebendo a função de um líder num grupo? Para um educador, é fundamental que ele seja muito consciente do seu papel, pois quanto menor for a faixa etária, mais as crianças ainda “acreditam” plenamente no professor e ele é um modelo de fato, para o educando.

### 2.3.2 Exercitando a liderança

É possível que um educador pense que, não sendo uma pessoa de renome, nem detentora de uma multidão de seguidores, logo não seja um líder. Líderes não nascem, eles simplesmente são, desempenham um papel ou assumem uma

responsabilidade, como lembra John Adair quando diz que “*a liderança não é uma superioridade inata*” (ADAIR, 1989, p. 14), é um exercício contínuo de aprendizado da função, uma vez que cada situação e cada grupo exigem líderes diferentes. Sendo os princípios da liderança, os mesmos em qualquer atuação do mercado, todo profissional necessita ter conhecimentos práticos e teóricos a respeito dos fundamentos que ela requer.

Se o forte caráter é uma qualidade importante em qualquer profissional, num líder ela é vital, pois alguns valores como lealdade, responsabilidade, humildade, honestidade, sinceridade, fidelidade e democracia possibilitam o desenvolvimento pleno das funções exigidas pela posição e abrem caminhos preciosos no relacionamento entre educador /aluno.

É necessário que um educador desenvolva várias possibilidades de ação dentro de uma mesma realidade, prevendo mudanças que exigirão uma criatividade imediata para solucionar uma situação de emergência e registrando sistematicamente as idéias que surjam de reflexões, mesmo que sejam momentâneas. Com o professor em classe, é necessário que ele sempre estimule a criatividade, possibilite situações para isso e não se sinta ameaçado pelo novo, por algo nunca tentado antes.

Um educador precisa estar sempre preparado para exercer o seu papel de líder, iluminando um caminho já existente, fazendo um organizado planejamento de objetivos e estratégias de curto, médio e longo prazo no seu trabalho e esse trabalho de bastidor será a base de sustentação da sua prática em classe. Ousadia, conhecimento, inovação e confiança em si são ingredientes diferenciais num educador que pretenda ser dinâmico e modelo de liderança, exercitando

constantemente o autocontrole em situações mais delicadas, já que a inconstância e o surgimento de novas necessidades estão freqüentemente presentes na função de um educador e ele precisa ter muito bem desenvolvidas as qualidades de paciência e de tolerância e, como todo líder, amar o que faz e estar disposto a sacrifícios. O educador tem a possibilidade de ser um gestor da sua turma.

A frase popular “Faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço.” Não se encaixa na realidade daquele que deve ser um líder. A palavra liderar, que em inglês é *lead*, entre outros significados, quer dizer ir em frente, orientar e ser seguido. Logo, se um educador é um mal exemplo, seu mal exemplo pode ser seguido pelos seus alunos, mesmo que ele fale de coisas positivas, ele pode estar dizendo coisas negativas por meio de suas ações.

A contínua auto-avaliação é, ao mesmo tempo, um ponto de partida e de chegada, pesando virtudes e falhas próprias e também repensando o processo e o seu domínio na função, uma vez que o conhecimento pleno da tarefa é indispensável.

### 2.3.3 Desenvolvendo a turma na sua totalidade

*“De um líder autêntico, ao concluir a missão a que se dedicou, e atingido o objetivo a que se propôs, dirão todos: ‘O sucesso é nosso’.”*

*Lao-Tzu  
Século VI a. C.*

O crescimento individual é sempre possível e técnicas de aperfeiçoamento são praticadas em todo lugar, mas é no grupo que um indivíduo tem mais oportunidades de desenvolvimento, *“certos instrumentos só vivem e têm valor*

*através das pessoas” (MEIRIEU, 1998, p. 85), pois o grupo é um meio fecundo de aprendizagem, já que a heterogeneidade e os anseios formam um verdadeiro “celeiro” de trocas e de confrontos que preparam a pessoa para distintas situações da vida cotidiana. Para o educador como líder na gestão da aprendizagem, deve estar bem claro que ele é condutor de pessoas e não de programas, de conteúdos que, num grau de importância, viriam antes. Ele deve ter muito bem elaborada a questão de que seus alunos são, sem dúvida, os seus mais preciosos parceiros e para que o seu trabalho tenha maiores chances de sucesso, numa visão mais humana e menos técnica, ele desenvolva uma conscientização de cooperação e conheça o seu grupo, respeitando cada elemento na sua totalidade e descobrindo quais são seus sonhos, pois “somos sonhos cobertos de carne” (ALVES, 2001, p. 67). A mente humana não se limita somente àquilo que está à sua frente, ela sempre sonha alto.*

O espírito do saber deve estar sempre presente, oferecendo ao educando, inúmeras oportunidades de união entre o saber do seu universo pessoal e o conhecimento visado, não apenas facilitando esse encontro, mas mediando constantemente a aprendizagem, para simplesmente unir elementos que estavam separados. Assim como nas empresas fala-se em gestor, também na escola, de uma maneira bem estruturada e orientada, o educador é um gestor da sua turma. Utilizando uma comunicação clara, simples, de vocabulário adequado à idade, muito gentil e objetiva, o educador possibilita a geração de idéias, questionamentos e certamente de bons resultados nos trabalhos, pois quanto maior for a liberdade assistida, maior será a responsabilidade adquirida, pois o aluno terá o resultado como fruto do seu esforço, da sua criação. Acompanhar cada fase e estar a par de



todas as decisões é importante, para poder fazer uma atenta análise de cada aluno, avaliando e repensando constantemente o processo e sempre, sempre valorizando cada passo seu, seja elogiando o seu potencial ou encorajando a superar os seus pontos a serem melhorados, para que ele mesmo acompanhe o seu crescimento e possa, ao mesmo tempo, desenvolver a sua auto-estima, que é, aliás, um fator de extrema importância no processo da aprendizagem e cabe ao líder, identificar quando é necessário fazer um trabalho mais direcionado a um aluno ou a uma turma específica.

Crises sempre virão, pois numa mesma turma, são muitas realidades e culturas diferentes, propiciando o surgimento de conflitos internos, entre os colegas de turma ou ainda de dificuldades familiares. O primordial é fazer desses momentos delicados, oportunidades de crescimento e de desenvolvimento de valores no grupo, compartilhando as dificuldades e, contemporaneamente, preparando os alunos para enfrentar outros possíveis conflitos semelhantes. É importante que seja desenvolvida na turma, a consciência de que todos formam um “time” e como tal, se um perde, todos perdem e se um ganha, todos ganham. Portanto, somente com o crescimento geral da turma, o “time” terá mais chances de aprendizagem e conseqüentemente, cada aluno será beneficiado com o bom desempenho do grupo. Isso não significa que não haverá divergências de opiniões, de resultados e até de cobrança, mas sempre dentro da realidade lúdica que é uma situação de jogo, sem conseqüências reais de perda. Para o educador que trabalha com mais de uma turma, é interessante enfatizar o fato de que cada grupo é uma realidade distinta, não devendo ser comparado com outro e nem promovendo comparações entre os elementos que fazem parte dele.

Observa-se que alguns educadores deixam de lado alguns momentos valiosos de desenvolvimento de valores da turma, justificando primeiramente que têm um programa a cumprir e que serão cobrados por isso. Porém *“mais processo e menos conteúdos alcançados”* (DEMO, 1995, p. 127) não seriam mais adequados para um crescimento pleno de cada aluno? E então, geralmente, vem a segunda fase da justificativa do educador: o vestibular. Já no primeiro ciclo do ensino fundamental? Quando uma criança nasce, nenhum pai ou mãe quer que seu filho, quando crescer, seja apenas candidato ao vestibular. Alguém certamente está “remando” na direção contrária.

Diz-se popularmente que *“quem não é visto, não é lembrado”* e, complementando o dito, ninguém lembra de trabalho bem executado de líder que não evidencia o seu resultado, dividindo-o com a turma. Todo êxito deve ser constantemente lembrado, comemorado e compartilhado, para que, posteriormente, o trabalho do professor seja valorizado pelo grupo.

#### 2.3.4 Um agente

Um agente é basicamente uma pessoa com atributos que lhe permitem sentir o estado do seu ambiente de atuação, escolher uma resposta para um momento da sua organização, agir de acordo com as suas possibilidades e medir as conseqüências das suas decisões. Ele possui tarefas muito difíceis. A dificuldade de colocar em prática tais atributos está no fato dele ser um sistema e de ser muito complexo, interagindo com outros sistemas também complexos e ainda devendo ter estratégias de sobrevivência para uma melhor interação no seu ambiente.

### 2.3.5 O que significa ser de fato um agente

Se levarmos em conta a realidade de atuação do professor hipotético do início do artigo, sendo ele um agente, vamos logo comprovar um dos fatores de maior complexidade nas organizações: o espaço. No Brasil, não é raro encontrar docentes com uma carga horária semelhante ao horário desse professor, com faixas etárias totalmente distintas, programas diferentes, filosofias contrárias e objetivos distantes. Muitas vezes, realidades tão distintas podem estar presentes até na mesma organização, sendo esta então formada de vários sistemas.

Um professor com cinco turmas diferentes e muito complexas. É necessário colocar-se um pouco no lugar desse profissional e imaginar como é atuar com indivíduos, gestões de trabalho, colegas, metodologias e espaços tão diferentes. Quem é esse professor? 25 ou 52 anos? Branco, negro, amarelo ou vermelho? Magistério ou Mestrado? Cobertura ou aluguel? Folha de São Paulo ou Caras? Mauricinho ou Zé mesmo? Caminhada ou cigarrinho? Como ele deveria ser para ter um desempenho melhor? É importante conhecer a sua memória de vida? E as suas qualidades, defeitos? De onde ele vem, como está indo e para onde vai? As organizações olham para esse lado ou apenas analisam resultados?

Ser um agente é sempre agir dentro de todas essas possibilidades e ainda ser capaz de ser gestor da sua própria pessoa, equilibrando-se num vento muito forte ou subindo, mesmo com a ausência de vento. Modelo de agente ainda não tem porque não há uma organização única no mundo, e mesmo que existisse, os seus sistemas internos exigiriam agentes diversos.

### 2.3.6 Um agente na escola do futuro

A escola do futuro é uma organização que já existe e que tem a consciência de que está iniciando um trabalho direcionado à formação de um cidadão que se conheça e conheça a comunidade na qual está inserido, seja ele aluno, professor, família ou outro funcionário.

O futuro é uma criança que já tem pressa, que gosta de saber a pura verdade e na hora em que ela acontece. Ele gosta de ser docemente treinado para batalhas difíceis. Aprecia a humildade, a inovação, a informação, a transparência, a autogestão, a flexibilidade, a objetividade, a solução de conflitos, a emoção, a cooperação, o compromisso e a responsabilidade, procurando sempre conhecer, respeitar e aceitar as diferenças. Mais uma vez, me coloco como uma gotinha nesse oceano de virtudes necessárias a um agente que se considere integrante da escola do futuro, iniciada desde agora, no nosso presente.

### 2.3.7 Copa do Mundo

#### COPA DO MUNDO

A Copa do Mundo numa sala de aula com muitas carteiras enfileiradas, alunos sentados, o silêncio para a fala da professora sobre todas as Copas anteriores, datas, nomes, sobrenomes, vencedores ...

A Copa do Mundo numa sala de aula com muitos alunos, muita vontade, muitas idades, muito cansaço, muita esperança, muito descobrimento, muita dificuldade, muito tarde, muita experiência ...

A Copa do Mundo numa sala de aula com Pelé, chapéu, Garrincha, lateral, bicicleta, Ronaldinhos, Zico, carrinho, Romário, Sócrates, Rivelino, campeonatinho, peladinha, embaixadinha, Júnior, gorduchinha ...

A Copa do Mundo numa sala de aula cheia de sonhos, de cores, de idéias, de aprendizes, todos, de sentidos, de deleite, de tempo real, de interação, de prazer, de muita alegria, de muito sabor, de saber, quem sabe ...

A Copa do Mundo numa sala de aula sem tempo, com gabaritos, com macetes, sem festa, com a data chegando, com os pais cobrando, com livros chatos, com alunos, conteúdos, conteúdos, conteúdos, múltipla escolha ... sem Copa.

Cinco salas de aula de um mesmo professor.

Marcia Pirih Baron

## **2.4 Situações hipotéticas**

Agora vem uma parte que eu poderia dizer que é a sobremesa dessa dissertação. Vários estudos da semiótica, o papel das emoções e da liderança serão ilustrados nas situações que serão apresentadas.

Um dos princípios da semiótica é que não se apresente abertamente a decodificação do sinal pretendido, mas que se permita que o receptor chegue sozinho ao objetivo pretendido.

A seguir, apresento reflexões hipotéticas escritas no diário de uma pessoa que estaria na pré-adolescência e que freqüentaria a 4ª série do ensino fundamental. Esta pessoa faria o primeiro semestre do ano letivo numa escola de grande porte e o segundo semestre numa escola mais simples.

As reflexões são frutos de observações feitas no cotidiano escolar, mas o conteúdo é puramente fictício, não tendo nenhuma relação com fatos reais.

Estas situações são uma tentativa de ilustrar como a Semiótica, as emoções e a liderança podem, juntas, colaborar no trabalho do educador no processo da aprendizagem. Em todas as situações há a influência das três áreas estudadas, mas pode-se observar mais claramente alguns princípios da Semiótica nas situações

de número: 1, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 12, 14, 16, 17, 20 e 21. Alguns princípios da emoção nas situações de número: 2, 4, 9, 11, 13, 15, 16, 18, 19 e 22. Alguns princípios da liderança nas situações de número: 1, 2, 3, 5, 6, 8, 9, 10, 11, 15, 16 e 19.

Outro princípio da semiótica é que todo processo é falível e dentro dessa ótica, há a possibilidade de que estas situações produzam um efeito contrário, não despertando a reflexão na pessoa que fará a leitura.

Divirta-se!

### 2.4.1 Diário

#### 2.4.1.1 Retorno das férias

Bateu o sinal e todo mundo foi para a sala para mais um ano de aula. De repente, uma inspetora pediu que todos voltassem e que ficassem no pátio, para ouvir a diretora, que sempre falava ao microfone quando tinha alguma coisa importante pra dizer.

Era o segundo ano daquela diretora na escola. Quase não dava para ouvir o que ela estava dizendo por causa da conversa de todo mundo no pátio. Ela falou por pouco tempo e no final, disse que como todos estavam descansados porque tinham acabado de voltar das férias, não haveria motivo para aprontar e não estudar na escola.

Será que antes das férias os alunos podem tirar notas baixas e fazer bagunça só porque estão cansados? Pelo menos foi isso que eu acho que ela quis dizer.

Eu lembro que antes das férias de julho, no ano passado, uma bomba havia explodido no banheiro masculino. A diretora ficou furiosa e chamou todos para o pátio, pra dizer que já sabia quem eram os responsáveis e que eles seriam punidos com suspensão. Antes de terminar a fala, ela disse que estava surpresa porque era final de semestre e não final de ano, para estarem explodindo bombas na escola. Parece que o final de ano é o período oficial de explosão de bombas na escola.

Nos dias que se seguiram, ninguém, absolutamente ninguém foi suspenso e este dado foi cuidadosamente apurado por vários alunos de várias turmas. Parece que a diretora estava equivocada. Ou ela não sabia quem eram os responsáveis, ou ela ficou com muita pena deles. Por várias vezes, ela falou no microfone que iria

suspender alguns alunos por alguma coisa que eles haviam feito, mas como sempre, nunca acontecia nada. Às vezes alguns alunos ficavam suspensos na biblioteca durante algumas aulas, mas eles até gostavam, porque lá tinha muitos gibis e Internet pra navegar.

No ano passado, as últimas semanas de aula foram um caos total na escola. Desde a metade de novembro havia bombas nos banheiros, gente pulando o muro para fugir da aula, livros sumindo e principalmente objetos desaparecendo e depois reaparecendo em lugares muito estranhos.

Eu nunca tinha visto uma situação dessa na escola antes. Não parecia a minha escola. Será que aconteceu tudo isso porque o pessoal se sentiu à vontade pra aprontar, já que era final de ano? Será que as falas da diretora tiveram o efeito contrário?



#### 2.4.1.2 A primeira aula

Bom, vamos logo para a primeira aula do ano. Foi uma aula de matemática, aliás, eram duas aulas seguidas. Já na entrada, a professora conversou em particular com dois alunos novos na escola e em seguida, todos se apresentaram para toda a turma, dizendo o nome, onde tinha nascido, o lugar onde mais gostava de ir e também o seu esporte preferido. Foi uma maneira bem diferente de se apresentar para os colegas. O incrível no final dessa atividade, foi que a professora já sabia o nome de todos da sala.

Logo em seguida, ela fez uma atividade com música. Quando a música parava, cada aluno deveria encontrar um par, cumprimentar e responder a uma pergunta sobre suas férias. No início, achei as perguntas meio estranhas, mas depois saquei que se referiam a momentos em que a matemática estava presente, como o número de pães que se comprava na padaria para tantas pessoas, a quantidade do troco numa compra, os litros de refrigerante que se bebia numa semana... E assim, a gente acabava conhecendo um pouco melhor o colega que era o nosso par.

Depois, ela fez outra atividade com música e no final desta atividade, nós tínhamos que pegar um docinho que estava dentro de uma caixa e entregá-lo à pessoa cujo nome estava no docinho. Todos nós tínhamos um doce com o nosso nome e junto havia uma mensagem de boas vindas. Lembrancinha personalizada. Essa foi muito legal. Parabéns, professora!

Puxa, nem parecia aula de matemática, de tão legal que foi. Nesse dia, eu lembrei de um momento que eu tive com meu pai. Foi quando ele abriu uma

correspondência e havia dentro a propaganda de uma loja com o nome dele escrito. Eu lembro que ele ficou muito surpreso e resolveu visitar aquela loja. Ele com certeza achou que iriam querer empurrar um monte de coisas para ele comprar. Eu fui com ele.

Chegando na loja, um vendedor bem simpático logo veio recebê-lo e depois ofereceu um café pra ele e um suco pra mim. Depois, ele e meu pai conversaram sobre futebol, fórmula um, música e política. Um pouco mais tarde, fomos embora e o vendedor continuou sorrindo para a gente, coisa rara de acontecer quando alguém não compra nada numa loja. Parecia que ele nem queria vender alguma coisa.

Isso foi há mais ou menos dois anos e de lá para cá, meu pai é um cliente fiel a essa loja, por incrível que pareça. É também inacreditável que neste semestre, eu tenha ido bem em matemática, sem precisar de reforço no final do período. A turma em geral também foi bem nesta disciplina. Parece que ver ou ouvir o nosso nome é como receber um carinho.

### 2.4.1.3 Também

Precisa dizer que gato também é animal ou que flor também é planta? É estranho como as pessoas usam a palavra também. Às vezes parece que elas falam uma coisa, mas dizem outra.

Hoje de manhã aconteceu uma coisa assim na escola. Tem um colega na nossa turma, o Gabriel, que é bem danado, daqueles que não voltam para a casa sem aprontar alguma na escola. Logo que bateu o sinal, todo mundo estava indo para a sala e havia uma senhora zeladora que estava lavando o corredor com um balde de água, pano e vassoura. O Gabriel foi em direção a ela e tombou o balde, derramando toda a água. É claro que todos viram que foi proposital, inclusive a professora, que logo em seguida mandou o Gabriel pedir desculpas e pôr mais água no balde.

Bom, nem precisa dizer que quando entramos em sala, os primeiros vinte minutos de aula viraram um sermão da professora sobre o ocorrido, mas eu particularmente acho que ela não fez um bom negócio. Ela começou falando sobre respeito, reconhecimento ao trabalho das pessoas e terminou dizendo que aquela senhora também era gente, que ela também era um ser humano e que também merecia respeito. Ora, nunca me passou pela cabeça que aquela mulher fosse um ser de outro planeta, ou que ela fosse um bicho e acho que nem o próprio Gabriel pensaria dessa maneira. Na verdade, ele não a respeitou porque ele não respeita ninguém, nem a diretora da escola e muito menos a mãe dele.

Parece que quando a professora enfatizou a necessidade de lembrar que a zeladora também era gente, ela sem querer, colocou aquela mulher num degrau abaixo da escala humana, como se fosse necessário dizer o óbvio.

Outro dia aconteceu um momento muito parecido com este. Na turma do lado da nossa sala tem um garoto que anda com dificuldade e tem um comportamento meio diferente. Durante o recreio, alguém da nossa turma provocou o garoto. Depois, o inspetor veio conversar com a gente e usou o mesmo discurso daquela professora, dizendo que o garoto também era gente, que merecia respeito porque também era um ser humano ... Aquelas coisas, sabe? Coitado do garoto. Teria sido legal se o inspetor tivesse, por um momento, colocado a turma no lugar do menino, orientando os alunos a se imaginarem diferentes, portadores de alguma deficiência conseqüente de uma doença ou acidente. Acho que poucas pessoas se imaginaram diferentes um dia. E isso pode acontecer com qualquer um de nós, não é mesmo?

#### 2.4.1.4 Eu

Acho que você quer saber quem eu sou. Bom, gosto muito de brincar, de ler, de jogar no computador e de sair com meus pais.

Na minha família tem cinco pessoas. Meus pais, eu, minha irmã e meu irmãozinho. Meu pai é engenheiro e cuida da qualidade dos produtos numa fábrica. Ele é um cara bem legal, que trabalha bastante e às vezes até traz serviço pra fazer em casa. Minha mãe é super 10, ela trabalha só de manhã e é professora de alunos pequenos numa escola perto de casa. Minha irmã é uma adolescente bem chata. Quase sempre tem discussão entre ela e meus pais porque ela acha que sabe tudo da vida. Meu irmão é meio mimado, às vezes estraga as coisas em casa, mas é gente boa.

Nós moramos numa casa com um quintal bem grande, cheio de árvores frutíferas e temos um cachorro labrador chamado dado. Tem também um jardim bem grande cheio de flores e é a minha mãe que cuida delas. Eu, meu irmão e minha irmã dormimos em quartos separados. É bom que cada um tenha seu quarto. Aliás, o meu é cheio de figuras legais, iguais a uma parede da minha sala de aula, onde os professores deixaram a decoração por conta dos alunos.

Eu e meus irmãos estudamos numa grande escola particular que fica meio longe de casa, mas é um lugar muito bonito e o pessoal de lá é bem bacana. Lá tem desde criança de pré, como meu irmão, até alunos que vão fazer vestibular. Eu estou na 4ª série. Minha irmã está na 7ª série e a turma dela é a pior do colégio. Nós estudamos lá desde o pré e fazemos período integral. Eu curto bastante a nossa escola.

No Natal e no Ano Novo nós sempre vamos para a casa dos meus avós paternos, vamos de avião porque é muito longe. Minha avó materna mora perto da nossa casa e nós sempre almoçamos lá no domingo.

No final de semana eu brinco bastante com as crianças da minha rua. Dá muita briga quando tem meninos e meninas porque cada um quer brincar de uma coisa diferente. A gente anda de bicicleta, sobe nas árvores e brinca no quintal da casa de alguém.

Em casa dá muita briga por causa do computador, principalmente entre eu e minha irmã. A televisão é outro motivo de briga. Já tentamos convencer nossos pais a comprar outro computador e outra televisão, mas eles dizem que nós devemos aprender a dividir as coisas. É difícil dividir as coisas com a minha irmã.

#### 2.4.1.5 Que português é esse?

Sempre tirei ótimas notas em português, mas neste ano, tenho que estudar um pouco mais porque elas não estão muito boas. Temos uma professora de português que é muito legal, comunicativa, alegre, carinhosa e amiga, mas somente quando está fora do horário de aula. Quando conversamos com ela no recreio, na entrada ou na saída, ela é bem bacana, mas quando está em sala de aula, parece que não é ela. É como se estivesse passando mal.

O problema é que ela tenta falar o português de um jeito igual ao português que a gente escreve, com todos os esses, erres e plurais. Eu sei que é o correto e algumas pessoas até falam assim e fica bom, mas ela certamente não usa este português em situações normais. Acaba ficando uma coisa horrível, meio artificial, porque dá pra ver que não é natural. Às vezes chega a dar nervoso de ver a coitada tentando falar daquele jeito. Tenho colegas que não param de conversar, porque ficam irritados de escutar a aula dela.

O nosso professor do laboratório de informática, por exemplo, é um senhor que é todo formal e fala exatamente do jeito que a gente escreve. Porém, quando ele fala, fica perfeito, natural e ainda é bonito o seu modo de se comunicar. Ele combina com esse tipo de fala.

Outro dia aconteceu um fato parecido. Minha mãe estava procurando uma moça para cuidar da minha avó, que estava um pouco doente e precisava de alguém pra ajudar nas tarefas de casa. Vieram várias candidatas e eu pude acompanhar uma conversa com uma delas. A moça parecia a minha professora de português. Com a preocupação de falar tudo certinho, ela conversava de uma

maneira tão artificial, que às vezes ficava até ridículo. Quando a moça foi embora, minha mãe até comentou que havia alguma coisa naquela garota que não era legal.

Alguns políticos que não têm muito estudo também fazem a mesma coisa quando estão em campanha. Vão à televisão falar de uma maneira diferente daquela que falam normalmente e quase ninguém escuta o que eles têm pra dizer.

Parece que o modo natural de falar é o mais agradável, mesmo que não seja o mais correto. Já tive várias professoras de português, mas nenhuma falava desse jeito.

Ontem à noite eu estava vendo um telejornal e observei que os apresentadores usam um meio termo: nem corretinho demais, nem avacalhado demais. Apenas natural. É bem agradável de assistir e até as notícias ficam mais interessantes. O que você acha?



#### 2.4.1.6 Discriminação escondida

Você já observou como as propagandas quase sempre mostram pessoas claras? No nosso país tem apenas pessoas claras?

Todo mês de abril na escola, temos uma semana dedicada às raças. São dias bem interessantes porque tem comida diferente, danças, filmes, entrevistas e muita brincadeira. É o momento de conhecer os costumes e as tradições dos diversos povos, inclusive do nosso. Valorizamos mais aquilo que conhecemos melhor.

Na nossa cidade, tem várias famílias descendentes de várias raças e em todos os lugares é possível encontrar restaurantes de vários cardápios, vindos de vários países. Nas ruas, encontramos pessoas de todas as raças e de todas as religiões. Isso é Brasil.

Esse fenômeno das várias etnias também acontece na escola. Lá você vê todo tipo de cabelo, toda cor de pele, religiões variadas e rostos bem diferentes.

Apesar dessa variedade étnica dos alunos e dos adultos que trabalham lá, a gente infelizmente não vê essa mesma variedade nos desenhos e nas fotos que encontramos pela escola.

Nos meus livros, por exemplo, não tem nenhuma figura que tenha alguém de origem oriental e, no entanto, na minha sala tem uma menina chinesa e um menino que é filho de japoneses. Aliás, na escola inteira tem gente oriental. Nas provas, parece que estamos num país nórdico, porque as pessoas das figuras sempre são claras, algumas loirinhas e nenhuma negra ou indígena. Eu tenho vários colegas de origem negra e alguns de origem indígena. Nos cartazes e nos trabalhos expostos, é a mesma coisa.

Nesta semana das raças, fala-se muito em respeitar as diferenças, mas acho que a primeira demonstração de respeito deveria vir em forma de reconhecimento ao diferente, fazendo dele uma pessoa que realmente faça parte do nosso grupo em todos os momentos, e não apenas numa semana de abril. Parece que os diferentes, não são apenas diferentes, mas são também naturalmente excluídos.

Seria bom lembrar também dos gordinhos, dos baixinhos, dos feinhos, dos muito altinhos e dos bem magrinhos. Eles geralmente aparecem em livros de humor, ou de literatura que trata de valores como o respeito às diferenças, por exemplo.

#### 2.4.1.7 Não

A palavra não às vezes parece que está cheia de sim. Você já deve ter visto aquela cena do professor dizendo “não corram” e seus alunos correndo como doidos pela escola. Ou aquela professora que diz “não conversem” e logo começa o zum zum zum.

Acho que a palavra não pode ser uma palavra perigosa, porque muitas vezes ela causa um efeito contrário, como se deixasse uma pulguinha atrás da orelha.

Um exemplo disso aconteceu uma vez, quando a coordenadora foi à nossa sala um pouco antes de bater o sinal para a saída. Ela disse que no dia seguinte ninguém poderia faltar porque haveria uma tarefa especial pra fazer. Até aí, tudo bem. Mas um pouco antes de ela sair, ela disse “não se preocupem, porque vai dar tudo certo e vocês vão conseguir fazer tudo”. Ora, nós sempre tínhamos tarefas especiais durante o ano, mas logo percebemos que era coisa difícil, ou coisa importante, ou eram os dois. Se alguém diz que tudo vai dar certo, parece que o fato de lembrar significa que a possibilidade que dar errado existe. Naquele momento, a possibilidade de dar errado nem passava pela nossa cabeça, porque a gente nem sabia do que se tratava.

Conclusão: era prova surpresa daquelas de deixar todo mundo tonto.

A mesma coordenadora foi infeliz numa outra situação. Ela estava passando pelas salas pra lembrar que no dia seguinte, a secretária voltaria a trabalhar, depois de ter passado um difícil período pós-cirúrgico. A coordenadora pediu que nós cumprimentássemos normalmente a Dona Marta, secretária da escola, caso a gente se encontrasse com ela. Pediu também que a gente não fizesse gracinhas, pois ela

estava meio fraca. Logo depois ela disse: “Não que vocês não tenham consideração, mas estou falando só pra lembrar”. É claro que ela estava achando que a gente era um bando de marginais, prontos para tirar uma com a pobre senhora. Só faltou dizer que iria prender quem fizesse algo errado.

No último sábado, minha irmã fez um escândalo em casa porque ela queria ir num barzinho com algumas colegas da sala dela. Meus pais não deixaram, alegando que não conheciam as outras meninas e que barzinho não era lugar para garota da idade dela. Num momento da discussão, meu pai disse “Você não vai, mas não é porque você não saiba se cuidar, mas o nosso receio é com relação às outras pessoas, que podem ter segundas intenções”. Quem conhece um pouquinho a minha irmã, sabe que ela adora imitar tudo aquilo que outras pessoas fazem, mesmo que seja coisa errada e, portanto, parece que mais uma vez, o não estava cheio de sim.

#### 2.4.1.8 Naturalidade

Parece que a gente gosta mais daquilo que é natural. Às vezes algumas pessoas até tentam agir com naturalidade, quando fazem algo que não estão habituadas a fazer, mas no fundo, no fundo, nós sabemos que elas não estão à vontade.

No início do ano, o nosso professor de geografia gostava de dar aula sentado na mesa e ele conseguia dar um show de conhecimento para a turma. Era o jeito de ele conseguir se comunicar de igual para igual com a gente. Ele foi a primeira pessoa a despertar em mim um clic para as coisas que aconteciam ao meu redor. Ele era um cara que tinha viajado muito para vários lugares do mundo. No mês de março, a diretora entrou na sala, viu o professor sentado na mesa e ela fez uma cara bem feia de desaprovação. Ela deu um aviso para a turma e saiu. Tenho quase certeza que ela conversou com ele sobre a maneira de ele dar aula, porque ele nunca, nunca mais sentou pra dar aula e as suas aulas viraram aulas normais, como uma outra qualquer. Foi como se tivessem cortado as asas dele e as nossas também.

Minha mãe, que é professora, sempre me diz que ela jamais senta na mesa porque existe cadeira para sentar. Ela que me desculpe, mas acho que são coisas diferentes. É claro que se uma pessoa sentar sobre a mesa para comer enquanto outras estão comendo sentadas nas cadeiras é estranho, mas um professor é diferente. Ele não é um chefe de estado, ou um médico que atende um paciente que vê uma vez a cada ano. Professor é como um colega da gente, mas que viveu mais e sabe um pouco mais do que nós e que também aprende um pouco com a gente.

Outro exemplo de artificialidade aconteceu com o nosso professor de laboratório de informática, um senhor de meia idade. Ele chegou na escola vestido de uma maneira bem formal. Camisa, calça social e sapato sempre brilhando. Era um professor muito paciente e que tinha verdadeiro prazer em solucionar as nossas dúvidas de computador.

No mês de maio, todos os professores ganharam um agasalho com as cores do colégio. Ficou bem evidente que o uso do uniforme era obrigatório, porque todos os professores passaram a usar aquele agasalho, até o nosso tão formal e querido professor de computação.

Ele ficou ridículo dentro daquela roupa. Até comprou um par de tênis porque certamente, nem tinha. O professor que era tão calmo passou a ficar angustiado com aquele agasalho que parecia um saco no corpo dele. Ele continuava explicando bem e detalhadamente cada lacuna da informática que a gente quisesse saber, mas era mais do que evidente o seu desespero com aquela roupa.

Só mais uma: a nossa coordenadora era nossa professora de artes, antes de ser promovida. Ela era do tipo moderna, geração saúde, que usava roupas bem confortáveis e às vezes vinha até de cabelo colorido. No entanto, quando foi para a coordenação, passou a usar roupas mais clássicas, salto alto usado de um modo desajeitado e cabelo bem arrumadinho. Nada a ver. Dava até pena das viradas de pé que ela dava, quando passava pelo pátio. Quando ela vinha falar com a gente, não sei porque, às vezes dava vontade de rir. Quem sabe ela devesse voltar a ser quem ela realmente era, né? Se ela fosse ela mesma, provavelmente teria mais facilidade para desempenhar o seu papel. Cada pessoa tem o seu estilo. Imagine se

o Milton Nascimento quisesse cantar como o Ney Matogrosso, para vender mais discos. E se a Sandy quisesse dançar como a Madonna. Será que daria certo?

#### 2.4.1.9 Ter que

Um certo dia, a professora de artes chegou na sala falando assim: “Pessoal, nós vamos ter que assar e enfeitar um bolo para trabalhar um conteúdo que nós temos que cumprir”. Bom, quem fala *ter que*, já está dizendo que vai fazer algo como uma obrigação, acho eu. E mesmo que ela tivesse dado a notícia usando outras palavras, a cara dela resumiria a sua indisposição para o tal do bolo.

No dia seguinte, a diretora foi conversar com a nossa turma, para explicar o porquê de fazer um bolo. Ela disse que ele era um projeto de três disciplinas: português, que trabalharia os verbos no modo imperativo, matemática, que faria os cálculos de gramas e frações e finalmente artes, que combinaria as cores e o estilo na decoração do dito cujo. A diretora estava tão feliz, que parecia que ela estava falando de um filho. Aliás, pela empolgação dela, e pelo desânimo dos outros professores, deu para entender que a idéia tinha vindo da direção. O filho era dela mesmo.

Chegou o grande dia. Cada aluno tinha trazido alguma coisa. Eram os dois primeiros horários, que eram duas aulas geminadas, ou seja, 100 minutos para separar tudo que havia sido trazido, preparar os ingredientes e a forma, assar o bolo, preparar a cobertura, esperar o bolo esfriar, rechear, decorar e por incrível que possa parecer, comer. Tudo isso numa cozinha improvisada do colégio. Como as professoras de português e de matemática já haviam cumprido o conteúdo em sala, sobrou para a professora de artes fazer todo o resto.

A coordenadora fotografava todos os passos da preparação do bolo e a feliz diretora, filmava cada momento do magnífico projeto.



Para começar, alguns ingredientes trazidos não estavam muito de acordo com a receita e tiveram que ser substituídos de última hora. Quem misturava os ingredientes era a professora de artes, que não parecia entender muito de bolo, pois ela colocava as coisas numa ordem meio estranha. Nós ficávamos em volta, olhando tudo de camarote. A um certo ponto, a diretora ficou meio preocupada com o futuro do bolo, parou a filmagem e pediu para ajudar a professora, que já estava suando de nervoso, porque já não sabia em que parte da receita ela estava. As duas até que tiveram uma conversa bastante diplomática na nossa frente, mas pela fala delas, todos perceberam que a professora estava bastante indignada por estar ali, *tendo que* fazer uma coisa, da qual ela não entendia muito.

Com mais a ajuda da coordenadora, as três terminaram de misturar os ingredientes, colocaram a massa na forma e puseram o bolo para assar. O tempo era de 40 minutos e enquanto isso, a cobertura e o recheio eram preparados. Passados os 40 minutos, o bolo parecia que ainda estava cru. A professora, então, sugeriu que aumentassem a temperatura do forno, para assar mais rápido. Já a coordenadora achava que seria melhor deixar o fogo mais baixo, para não queimar de vez o projeto. O tempo passava e a aula estava chegando ao fim. A um certo ponto, o bolo começou a crescer, mas logo em seguida despencou. Neste momento, a diretora comunicou que nós teríamos mais meia hora, além do horário, para terminar o bolo.

Assado ou não, ele saiu do forno e foi recheado ainda quente. A cara daquele bolo era bem estranha e as piadas começaram a rolar. A decoração até que ficou bonitinha, mas na hora de cortar o bolo, descobrimos que a cobertura tinha virado bala. Estava tão dura, que tivemos que pegar uma faca com um martelo de carne

para ajudar na empreitada. A diretora desligou de vez a câmera. Neste momento, o bolo já era a maior piada. Com muita paciência e cuidado, cada fatia do bolo foi cortada / martelada.

A pior ou a melhor parte do projeto estava chegando, pois era a hora de comê-lo. Era uma mistura de massa borrachenta queimada e ainda sem açúcar. É isso aí, sem açúcar! Era o açúcar que estava faltando na hora de misturar os ingredientes, para dar ponto à massa. Que coisa horrível. Ainda bem que a gente já estava atrasado para a próxima aula e então ninguém precisou comer a sua fatia do bolo até o fim.

Coitada da professora. Os olhares e o tom da voz da diretora já indicavam que toda culpa da tragédia era dela. É claro que se tivesse dado certo, os louros seriam da mamãe do bolo. O estranho é que quando a gente comentava o ocorrido, todos falavam do bolo da diretora, e não das professoras. Tudo estava muito claro sobre o que teria acontecido da idealização deste projeto: a idéia não era da equipe, mas da diretora.

As escolas deveriam dar cursos de teatro para os professores, porque por mais que eles queiram transmitir que concordam com alguma coisa, eles acabam passando a verdade, mesmo que não queiram. Como que a gente consegue perceber isso tudo? Há pouco tempo, eu não me ligava muito nestas coisas.

Você usa *tenho que*, quando quer se referir a alguma coisa que você realmente gosta de fazer, como, por exemplo, curtir um bom filme? Desde aquele dia em que a professora disse que *teria que* trabalhar um conteúdo, percebemos que o bolo já era um projeto condenado ao fracasso.

#### 2.4.1.10 Quem é que manda

Minha mãe é uma profissional bastante dedicada. Ela trabalha à tarde como professora regente de uma turma de 1ª série. Ela passa pelo menos umas três noites por semana corrigindo os cadernos, pesquisando e preparando atividades para os seus alunos. Nos domingos à noite, ela quase sempre prepara alguma surpresa para a primeira aula da semana e às vezes todos nós em casa ajudamos a recortar, colar, desenhar ou encher balões. Minha mãe é muito realizada na profissão dela.

Ultimamente ela tem chegado em casa meio triste e às vezes comenta com meu pai que contrataram uma supervisora que tem ignorado a figura das pessoas que trabalham na escola, chegando a chamar a atenção das professoras e dos funcionários na frente dos alunos. Ela praticamente ignora a presença das professoras. Que coisa chata!

Minha mãe diz que até percebeu uma mudança no comportamento dos seus alunos. Ela comenta que em muitos momentos, eles não lhe dão atenção e que às vezes, eles não a respeitam. Tudo que acontece na escola que não é do agrado dos alunos, chega aos ouvidos da supervisora porque eles vão até a sala dela para reclamar de praticamente tudo. Desde a limpeza dos banheiros, até o perfume da professora. Tudo é motivo de reclamação. Para piorar, algumas professoras ameaçam os alunos, dizendo que se eles não fizerem as tarefas, por exemplo, eles serão encaminhados à supervisão da escola.

Ontem à noite teve uma reunião da equipe da escola e esta supervisora aproveitou para dizer que ela quase não tem podido trabalhar, para atender às

reclamações dos alunos e disse ainda que as pessoas da escola deveriam ter mais autonomia. É difícil ter autonomia sem poder exercer autonomia. Várias professoras comentaram que elas conseguem manter o controle da turma no pátio somente quando a supervisora ou o diretor estão por perto e sugeriram que houvesse um trabalho da direção para reverter esta situação. Parece que a supervisora imediatamente condenou a idéia, dizendo que o controle da turma deveria vir de cada profissional que estivesse com os alunos.

Minha mãe comenta que a supervisora que trabalhava lá antes, sempre orientava as pessoas que eram responsáveis pelos alunos a jamais perderem o controle da situação. Ela pedia que só encaminhassem um caso, se fosse realmente muito necessário e grave.

Agora, a escola prega uma coisa, mas faz outra. Como professora há 15 anos, minha mãe lamenta que isso esteja acontecendo. Se eu estudasse lá, acho que também me comportaria como aqueles alunos.

#### 2.4.1.11 Quem é o deficiente?

Nesse ano, tem um garoto novo na nossa turma que tem a síndrome de Down. É a primeira vez que eu convivo mais de perto com uma pessoa com deficiência. O nome dele é Rodrigo e ele senta na carteira bem ao lado da minha. Ele já fez vários trabalhos de equipe, junto com o nosso grupinho da sala.

Antes de ele entrar no colégio, a coordenadora veio à sala para dizer que nós teríamos um colega que era diferente, que devido à sua dificuldade, ele precisaria muito da nossa ajuda e que ele também (olhe o *também* aí de novo) era gente e, portanto, mereceria o nosso respeito. Ela disse que algumas atividades e avaliações teriam que (olhe o *ter que* de novo) ser especialmente adaptadas para ele.

O Rodrigo é mais velho, já tem 14 anos. A maioria dos alunos da nossa sala tem 9 e 10 anos. Apesar da idade, ele tem limitações de compreensão de algumas questões mais difíceis e também é muito distraído. Ele é super simpático, sensível, amável, sincero, fiel, dedicado às pessoas e dono de um coração enorme. Acho que eu nunca conheci uma pessoa assim. Para mim está sendo uma experiência e tanto, porque, ao contrário do que eu pensava, sou eu que estou aprendendo muito com ele. Este colega está me ensinando o verdadeiro valor humano: o amor. Hoje ele é amigo de muitas pessoas na escola e muitos colegas o admiram na turma.

Para o Rodrigo, não existe nada mais importante, do que a pessoa que está na frente dele. Isso parece lógico e até fácil, mas observando o comportamento dele e do restante da turma, parece que a deficiência dele é remediável, passível de uma boa convivência em grupo. Do contrário, observando alunos de péssimo comportamento como o Gabriel, por exemplo, acho que eles é que são deficientes,

deficientes sociais e condenados a viver em eterno conflito com as pessoas que estão ao seu lado. Quando tem trabalho em grupo, quase todo mundo quer ficar na equipe do Rodrigo e ninguém quer o Gabriel, nem mesmo o pessoal da panelinha dele.

Às vezes dá discussão entre o Rodrigo e alguns alunos que não têm muita paciência e então quase todo mundo parte para defendê-lo. Isso eu até acho normal. O que eu acho estranho, é quando professores, inspetores, coordenadora e diretora vêm com aquele papo de respeitar e ajudar o deficiente. Ora, é muito mais fácil a turma se adaptar ao Rodrigo, do que o Rodrigo se adaptar à turma. Parece que os profissionais da escola querem que a turma espere que o Rodrigo chegue ao nível dos outros colegas, mas somos nós que devemos ir ao encontro dele. E o pior é que eles só enxergam deficiência no Rodrigo e não em alguns alunos que são deficientes sociais. Eles enfatizam a deficiência e não vêem as virtudes dele e algumas delas, eu acho que só ele tem. Eu acredito que o Rodrigo pode ensinar muita coisa de valor para todos nós, mas parece que perante o colégio, essas coisas são bobas, que só têm valor no discurso e não na prática.

#### 2.4.1.12 Inclusive ... até

Janeiro, fevereiro e março são meses, inclusive julho.

Você não achou esta frase meio estranha? Se você fosse criança ou uma pessoa que não falasse o português e tivesse dificuldade em saber quais são os meses do ano, ela até que faria sentido. Mas por que ela parece até meio boba para um falante da nossa língua? Eu acho que a palavra *inclusive*, assim como a palavra *até* e a palavra *também*, trazem para um grupo, um elemento que supostamente estaria separado.

Um dia, ouvi meu irmãozinho dizer ao meu pai que vida boa é a de salva-vidas, porque só fica parado no sol, curtindo a praia. Meu pai então falou que na praia, todas as pessoas contratadas pela prefeitura estão trabalhando, *inclusive* os salva-vidas. Parece que, ao querer valorizar a profissão dos salva-vidas, ele fez uma imagem diferente daquilo que pretendia fazer.

Nosso vizinho vai fazer uma cirurgia. Como ele não tem plano de saúde, vai ter que pagar tudo do próprio bolso. Ele disse que vai ter que pagar o quarto, o médico, os assistentes, *até* o anestesista, que segundo ele, ganha para não trabalhar. Meu tio é anestesista e ele é um excelente profissional. Meu tio me disse que a vida e a qualidade de vida do paciente estão nas mãos do anestesista e que o médico geralmente se concentra apenas na sua especialidade, durante a cirurgia.

Lembrei dos salva-vidas e do anestesista, porque no mês de junho, quando tivemos a nossa festa junina, a nossa professora de história falou que não poderia vir à festa porque estaria tendo aula. Alguns alunos ficaram surpresos por ouvir que ela estava tendo aula. A professora, então disse que professor nunca pára de

aprender e que está sempre estudando, fazendo um curso de especialização, mestrado ou doutorado. Para concluir, ela falou que *até* professor de educação física estuda. Ao dizer isso, acho que ela, sem intenção, desvalorizou este profissional.

Parece que a realidade destas três profissões está sendo mal vista e as pessoas que poderiam valorizá-las, estão reforçando a imagem de profissão sem esforço. Se as pessoas mostrassem quais são as inúmeras dificuldades que um salva-vidas, um anestesista e um professor de educação física enfrentam e o quanto se prepararam para isso, todos dariam o merecido valor.



#### 2.4.1.13 Figurinha complicada

Temos uma professora de inglês que é o maior barato. Ela está sempre animada e tem um talento especial para fazer a gente falar em inglês de uma maneira bem legal. Ela é bem criativa e às vezes inventa umas coisas bem diferentes.

A sua última idéia foi elaborar uma peça de teatro em inglês. Todas as turmas de 4ª série participariam. A peça era sobre uma reunião entre os bichos de uma floresta, para a escolha do roteiro de viagem das férias deles. Isso combinava com a nossa realidade, pois faltava um mês para as nossas férias de julho.

Estava indo tudo bem, mas depois, apareceu um probleminha. A nossa turma faria o papel dos macacos e muita gente da sala torceu o nariz, dizendo que a escolha seria uma demonstração de racismo, já que tínhamos vários alunos negros na nossa turma. A confusão estava formada. Alguns alunos adoraram ser macaco e defenderam a escolha. A professora, então, para resolver o problema, decidiu fazer um sorteio durante um intervalo, diante de todas as turmas e todos acharam muito justo.

Logo em seguida ao sorteio, veio o segundo probleminha. O animal sorteado era o bambi. A maioria dos meninos disse que jamais iria fazer de conta que era um veadinho. A maioria das meninas, ao contrário, adorou. A professora justificou, dizendo que o personagem fazia parte da peça e que não teria como voltar atrás no sorteio. Desespero geral.

Depois de muita, mas muita negociação com a professora, finalmente conseguimos substituir o bambi por um cavalinho desconhecido qualquer. Foi a salvação de muitos.

De repente, o terceiro probleminha. A nossa professora de inglês tinha um defeito: ela enfeitava demais todas as coisas que ela tinha. Tudo o que era dela tinha florzinha, bichinho e personagens muito infantis. No dia do primeiro ensaio, metade da turma gostou da roupa que seria do cavalinho e a outra metade detestou. O problema é que a roupa era muito cheia de enfeites, flores e ainda tinha uma sela cor de rosa meio esquisita.

Tentaram masculinizar o cavalinho, deixando uma vestimenta de presença mais forte, mas a maioria das meninas não aprovou a idéia. Para finalizar e finalmente, começar a ensaiar, fizeram um meio termo, que fez do cavalo, uma figura bem neutra, tão neutra, que nem dava para identificar que bicho era.

Essa peça de teatro deixou uma lição em todos nós. Aprendemos que uma figura nem sempre agrada a todos, mesmo que sejam pessoas de idade, sexo e nível social iguais.

#### 2.4.1.14 Más notícias

Há um mês aconteceu uma coisa terrível. Meu pai foi mandado embora do emprego. Na fábrica onde ele trabalhava, tiveram que transformar três setores em dois e muitas pessoas foram dispensadas. Já fazia 12 anos que ele estava lá e ele gostava bastante do ambiente e dos colegas daquela indústria.

O clima lá em casa é o pior que eu já vi até hoje. Minha mãe anda chorando escondida e meu pai parece um morto vivo. Por muitos momentos ele fica parado, olhando para o nada. Ele usa quase todo seu tempo para mandar seu currículo para as empresas e fazer contatos com conhecidos.

Ontem à noite meus pais chamaram minha irmã, eu e meu irmãozinho na sala para uma conversa. Eles disseram que como já fazia um mês que meu pai estava sem emprego, eles teriam que diminuir os gastos e minha mãe ainda teria que trabalhar mais, dando aulas particulares de reforço em casa, para compensar a falta de dinheiro. Depois disseram que o gasto maior a ser cortado seria com o colégio. É, todos nós teríamos que sair da nossa escola e ir para uma outra escola.

Fiquei com vontade de chorar. Meu irmão chorou de vez e minha irmã começou a ter aqueles ataques de gritaria que ela tem. Nós brigamos porque ela começou a chamar meu pai de incompetente e aí ele gritou com ela, dizendo coisas que há muito tempo ela precisava ouvir. Daí ela ficou bem quietinha. Foi uma cena horrível.

Meus pais disseram que a gente terminaria o semestre na nossa escola e depois das férias de julho, eu e minha irmã iríamos para outra escola, e meu

irmãozinho para uma escolinha. As duas escolas ficavam perto da nossa casa e a gente teria que ir a pé, para economizar na condução.

Faltavam três semanas para o final das aulas e eu não conseguia me imaginar fora da minha escola. Eu já estava com saudades de todos. Minha mãe foi à escola para comunicar a nossa saída e a coordenadora disse a ela que minha irmã estava tendo crises de choro em sala de aula e que meu irmãozinho estava fazendo muita bagunça. Fiquei com muita pena da minha mãe. Naquele dia, ela me deu um abraço bem forte e disse que um dia, tudo iria melhorar e que então, tudo voltaria ao normal.

Outro dia, eu e minha irmã chegamos mais tarde à aula porque fomos conhecer a outra escola. Eu só tinha estado lá uma vez, quando meu pai foi votar em uma eleição de presidente do Brasil. Era um lugar bem simples e muito mal cuidado. Até os banheiros cheiravam mal. Dava para notar que alguns alunos de lá eram bem pobres e que a barra lá era meio pesada. Saímos meio assustados.

#### 2.4.1.15 Primeiro dia

Acabaram-se as férias de julho e agora vem a nova realidade. Escola nova, amigos novos, tudo novo. Eu, minha irmã e meu irmão iríamos a pé, mas o pai levou a gente de carro, já que era o primeiro dia de aula. Meu irmão foi chorando o caminho todo até a escola.

Fomos primeiro à escolinha do meu irmão, que já estava mais calmo. Ele conheceu a professora Helena, que se apresentou, perguntou o nome dele, deu um beijo nele, e disse que ele poderia brincar a vontade na sala de aula. Parece que ele gostou muito da tia Helena e nós também.

Logo em seguida, eu e minha irmã fomos para a nossa escola, onde o diretor faria o seu discurso de retorno às aulas. Logo que bateu o sinal, todos foram para as suas filas, de acordo com a turma. Todos conversavam, brincavam, mas quando o diretor apareceu na frente das turmas, o barulho foi diminuindo e logo veio um silêncio total. Parecia que tinham apertado a tecla mudo de controle remoto em todos. Eu nunca tinha visto uma coisa assim.

Com tranquilidade e segurança, ele falou a todos como se fosse um pai. Com uma personalidade muito forte e ao mesmo tempo amável, ele deu as boas vindas e de uma forma bem clara, lembrou a todos dos seus direitos e deveres. Quando ele terminou, cada fila ia para sua sala quase que sem fazer barulho, como se fossem pessoas andando num lugar sagrado. Isso eu também nunca tinha visto.

Chegando na minha sala, vi que lá também havia 30 alunos na turma, como na minha escola de antes. A primeira aula era matemática. Cada aluno sentou, disse seu nome e logo depois a professora começou a aula.

A sala era bem simples e cheia de bichinhos e coisas escritas para criança. É que no período da tarde, aquela sala era usada por uma turma de crianças de 1ª série. Mais tarde eu soube que à noite, a sala era usada por alunos adultos. As carteiras eram bem velhas e algumas coisas na escola precisavam de conserto, como os trincos dos banheiros, por exemplo. Alguns colegas eram notadamente bem pobres, com o uniforme rasgado e material que já havia sido usado antes. Os exercícios vinham escritos em cor lilás numa folha que tinha cheiro de álcool. Achei a turma bem legal.

Quando fomos de volta para a casa, meu irmão estava feliz pela nova professora e pelos colegas. Parece que ele se adaptou bem. Ele disse que essa professora não dava pirulito na primeira aula depois das férias, mas era legal. Minha irmã, ao contrário, detestou tudo. Ela disse que o colégio era horrível, que os professores eram péssimos e que os seus colegas eram bobos. Falar assim dos outros é bem coisa dela, mesmo. Ela contou que discutiu com uma professora sobre um trabalho que ela teria que fazer. Isso não vai dar certo.

#### 2.4.1.16 Tia

Quando eu era menor, eu sempre chamava as minhas professoras de tia. Minha irmã também gostava de chamar de tia as professoras dela. Apesar de não usar mais esta palavra para professor ou para professora, ainda chamo o meu médico de tio, uso tia para chamar as mães dos meus amigos, a minha dentista, a zeladora, a senhora que vende revistas na banca, enfim, várias pessoas. E eu nunca achei que alguma delas fosse irmã ou irmão do meu pai ou da minha mãe.

Só chamo de tio ou de tia as pessoas das quais eu gosto e que respeito. Eu jamais chamaria de tia uma vizinha da nossa rua que fura com faca as bolas que caem no quintal dela. Acho que com as palavras vão também o carinho, o respeito, o reconhecimento e a satisfação.

Acho que você nem está entendendo porque eu estou escrevendo tudo isso, né? Acontece que no 2º dia de aula, meu irmão chegou aos prantos em casa. Ele chamou a professora de tia e ela foi muito rude com ele. Apesar de ela ter pedido que ele a chamasse de professora ou pelo nome já no 1º dia de aula, ele estava acostumado a falar assim na nossa escola porque lá é normal usar tia. Pelo que ele disse, ela foi até meio irônica com ele.

Minha mãe disse que hoje em dia é normal usar apenas professora ou o nome dela porque quando as pessoas usam tia, estão denegrindo a imagem do professor como profissional, confundindo com alguém da família. Discordo. Acho que tem outras maneiras de denegrir uma pessoa e por que não tratar um profissional como se fosse alguém querido da família? Eu nunca denegri a imagem

do tio Elias, o meu médico e nem da tia Ana, a minha dentista. Aliás, eles até gostam de ser chamados assim.

Acho que é apenas a mesma palavra para expressar coisas diferentes. Você acha que pé de meia, é de cadeira, pé de abacate, pé de atleta, pé de moleque e pé de coelho é tudo igual?

O pior é que meu irmãozinho acaba chamando a professora de profe e às vezes até de prô. Minha mãe diz que odeia quando falam profe ou prô para ela.

As coisas têm uma razão para acontecerem de uma ou de outra maneira e parece que tia foi uma palavra que foi entrando na vida escolar de um modo bem natural. Meu pai disse que na época de colégio dele, ninguém usava tia para professora. Parece que no meu tempo de pré-escola era normal, um jeito novo de usar tia e que depois tiraram a palavra do uso, mas de uma maneira imposta. Que peninha!



#### 2.4.1.17 Menino / menina

Nessa nova escola quase todo mês tem briga na esquina, durante a saída dos alunos. Varia bastante a idade do pessoal que se pega para acertar as contas. Às vezes tem briga de 7ª série, às vezes é de 8ª, mas nunca é igual. Porém, teve um dia que deu uma briga entre meninas da 5ª série. Nossa! O colégio parou para ver as unhadas e as arrancadas de cabelo. Eram duas meninas que já vinham se encrencando há vários dias e então resolveram o problema de uma maneira meio violenta. No meio da briga, dois inspetores foram segurar as meninas para acabar com a confusão. Enquanto dava um sermão, um deles falou assim: “Como pode uma menina, menina estar brigando e ainda no meio da rua, na frente de todo mundo”?

O que você colheria de uma situação assim? Primeiro que por ela ser uma menina, então não pode. Se não for menina, só pode ser menino, né? Logo, menino pode brigar. O inspetor ficou surpreso por elas estarem brigando no meio da rua, na frente de todo mundo. Como se brigar em lugar fechado fosse normal e comum. Essa foi a mensagem que ficou. Parece que o inspetor tentou resolver um problema, mas semeou outros.

A gente freqüentemente ouve dizer que uma menina não pode fazer coisas feias ou negativas. Menina cuspiando? Menina falando palavrão? Ouvindo isso, parece que os meninos se sentem à vontade para fazer qualquer coisa. Se forem descobertos, vão levar sermão, porém vão ser compreendidos, afinal, são meninos. Parece que as pessoas esquecem que ninguém deveria fazer coisas negativas, que ferissem o próximo.

Os papéis que meninos e meninas devem ter são bem definidos e se depender da mentalidade da cultura das pessoas, isso vai continuar por muito tempo. Dias atrás, uma professora estava falando de responsabilidade com a nossa turma e ela fez algumas colocações que deixaram bem claro a visão que ela e muitas pessoas têm sobre o que homens e mulheres ou meninos e meninas devem fazer. Ela perguntou aos meninos se eles ajudavam o pai a lavar o carro ou a trocar o gás. Depois perguntou às meninas se elas ajudavam a mãe a lavar a louça ou a arrumar a casa. Numa outra aula, esta mesma professora perguntou se nós valorizávamos o nosso pai por ele sair para trabalhar e trazer dinheiro para a família e se valorizávamos a nossa mãe por cuidar da casa.

Na minha casa, todo mundo lava a louça e todo mundo lava o carro. Meus pais sempre trabalharam e hoje é a minha mãe que traz dinheiro e é meu pai que cuida da casa. Quando conto isso para os meus colegas, eles acham estranho.

#### 2.4.1.18 Infantil

Minha mãe chegou chateada em casa de novo por causa daquela supervisora do colégio dela. Desta vez ela disse que minha mãe infantiliza os alunos. Um dia ela viu minha mãe consolando uma aluna que tinha machucado o dedo e minha mãe disse que ia fazer um curativo no dedinho da menina, que tem 6 anos de idade.

Vejo minha mãe como uma professora super carinhosa e atenciosa com os alunos dela. Ela tem ex-alunos que já estão na faculdade e que até hoje mantêm contato com ela. Ela é meio mãezona deles.

A supervisora ficou horrorizada de ouvir a palavra dedinho, como se a menina fosse uma mulher adulta. Aliás, eu lembro muito bem que quando meu pai operou o braço, no ano passado, as enfermeiras e os médicos às vezes falavam “Não mexa o bracinho”, fique quietinho”. E nem por isso meu pai, que é um homem enorme, ficou ofendido. Acho que até a dor fica menor quando mimam a gente.

Por várias vezes, a supervisora criticou os diminutivos que minha mãe usa com os alunos dela e já aconteceu de ela corrigir na frente dos alunos, colocando minha mãe numa situação ridícula.

Minha mãe disse que argumentou, dizendo que cobrar atitudes responsáveis dos alunos é a melhor maneira de eles não serem tão infantis e que às vezes ela os trata como crianças porque eles ainda são crianças. Ela disse também que faz parte da nossa cultura usar algumas palavras no diminutivo. A supervisora então disse que essa era a norma da escola e que todos deveriam usar a mesma linguagem.

Você gosta de tomar um cafezinho? Conhece alguém que joga uma peladinha de vez em quando? Você admira o Ronaldinho, o Bernardinho, o Ronaldinho

gaúcho? Gosta da chapeuzinho vermelho? Já fez um pinheirinho de Natal? Come abobrinha, cebolinha e salsinha? Sabe fazer caipirinha? Se você respondeu que sim, então, segundo aquela supervisora, você é muito infantil. Não cresceu porque fala como criança.

Em vários lugares a gente ouve alguém usar alguma palavra no diminutivo. No mercado, na padaria, no shopping ... Parece que é normal e comum.

#### 2.4.1.19 Minha professora

Sabe, algumas coisas são bem diferentes entre a escola de antes e a minha escola de agora. Na outra escola, eu tinha 9 professores porque era um professor diferente para cada matéria. Agora, eu tenho apenas 4: uma professora de artes, um de educação física, uma que dá matemática e ciências e outra, que é a professora Dora, que é responsável pela nossa turma e que dá português, inglês, literatura, história e geografia.

A professora Dora é quase que uma mãe para a gente. Ela é um pouco mais velha do que os outros professores e é a professora mais atenciosa que eu já tive. Ela tem uma experiência de vida incrível. Quando a gente precisa dela, ela larga tudo para dar atenção e escuta cada palavra que é dita. Quando a gente a encontra passando no pátio, ela pára para conversar com a gente e costuma sempre colocar a mão no nosso ombro. Os outros professores nem param. Vão andando e ao mesmo tempo conversando com a gente. Eles só param se o diretor ou outra pessoa importante vier falar com eles.

Com a professora Dora, dá vontade de ficar horas conversando. Ela é bem firme com a turma quando se trata de respeito e responsabilidade e até o tom de voz muda. Em outros momentos, ela é super brincalhona e bem calma nas coisas que faz. Quando a gente erra ou não entende alguma coisa, ela faz uma voz bem doce e explica tudo de um jeito que é impossível não entender. Quando ela corrige as provas, tem sempre um comentário legal no final da correção, que coloca a gente pra cima, sempre querendo aprender mais. Ela disse que já poderia estar

aposentada, mas prefere continuar trabalhando porque é disso que ela gosta. Dá pra notar.

Tudo que a professora Dora faz é mais caprichado e mais bonito. Tudo tem um toque especial, desde um cartaz expondo os nossos trabalhos, até os adesivos legais que ela cola nos nossos cadernos. Certo dia foi aniversário dela e nós preparamos uma festa surpresa. A nossa maior preocupação era deixar tudo bem bonito, à altura dela, com o mesmo carinho que ela tem por nós. Foi uma festa muito especial e ela chorou bastante, de tanta emoção. Que legal!

Como ela é a professora responsável pela turma, é ela quem conversa com os nossos pais quando quer falar sobre o nosso rendimento. Os pais também gostam muito dela e alguns foram até alunos dela há algum tempo atrás. Estou amando português, inglês, literatura, história e geografia e acho que a minha professora colabora bastante para que essa paixão aumente mais.

#### 2.4.1.20 Que bicho é esse?

Acho que os professores deveriam trabalhar somente com aquilo que realmente conhecem e gostam. Temos uma professora de ciências que no 1º semestre, trabalhou as plantas com a minha turma. Eu ainda não estudava lá, mas os meus colegas disseram que as aulas dela eram muito interessantes e que as notas foram ótimas. Ela trazia vídeos, fazia experiências diferentes e passava umas pesquisas bem legais pra fazer em casa.

Depois das férias de julho, os bichos passaram a ser o conteúdo a ser estudado. E aí começou um grande problema. Parece que essa professora adorava as plantas, mas odiava os bichos. No 1º semestre, muitas aulas eram fora da sala, porque tem muitas plantas no bosque e nos jardins do colégio. Onde há planta, há bicho, mas essa professora nunca saiu da sala para estudar a fauna da escola. Nem dos insetos que entravam na sala ela gostava.

As aulas sobre bichos não passam de leitura de textos e de fotos do livro. Um dia, uma colega nossa trouxe uma aranha caranguejeira viva dentro de um vidro e essa professora quase passou mal, por causa medo que ela teve. Em outra aula, um inspetor apareceu na sala com uma lagartixa morta que ele tinha achado na grama e ela fez uma cara que demonstrou claramente o nojo que ela sente por bichos. Não precisa nem dizer que as aulas estão chatas e com todo mundo conversando.

Outro exemplo de não fazer o que gosta, acontece quando alguns professores levam a turma para a sala de informática. Às vezes dá pena de ver os coitados tentando operar aquelas máquinas. Muitos alunos acabam fazendo a parte

da aula que caberia ao professor, porque eles dominam mais os comandos do computador.

A professora de artes quis fazer um trabalho de composição de cores no computador, mas muita coisa errada aconteceu nessa aula. Primeiro porque ela demorou quase 10 minutos pra abrir um arquivo no computador. Depois descobriu que o programa que tinha no colégio era diferente daquele que ela conhecia. Como as nossas aulas são de 50 minutos e nós perdemos 10 minutos para ir e voltar da sala, com mais o tempo perdido dentro do computador, sobraram apenas 20 minutos para fazer o trabalho. É claro que não saiu trabalho nenhum.

Se ainda não dominam completamente um computador, porque muitos professores levam alunos para as aulas de informática? É um mistério.



#### 2.4.1.21 Já

Você já tomou seu caldo de cana hoje? Quando usam a palavra *já* numa pergunta, não parece que você está atrasado pra fazer alguma coisa que já deveria ter feito? Você não achou estranha a ênfase dada ao ato de tomar caldo de cana?

Esta pergunta é bastante comum de ser encontrada em placas próximas a pontos de venda de caldo de cana. Quando eu vi uma placa dessa pela 1ª vez, lamentei o fato de ainda não ter tomado o meu caldo de cana porque gosto muito e sempre que posso, pego dinheiro da minha mesada pra comprar um copo pra mim. É como se eu estivesse em débito com a minha sede.

A nossa querida professora Dora é uma pessoa que usa bastante a palavra *já* nas aulas de literatura. Às vezes ela pergunta: “Vocês já leram tal livro”? “Vocês já conhecem tal história”? Quando ela fala assim, dá vontade de ir correndo pegar o livro na biblioteca pra começar a ler. Parece que eu já tô em atraso na leitura.

O mesmo não acontece com a Miriam, uma colega da nossa turma. Ela falou que odeia ler e fica irritada quando a professora começa a perguntar se a gente já isso ou já aquilo. Parece que a mesma palavra pode dar efeitos contrários em pessoas diferentes.

Lembra daquele meu colega Gabriel que estudava na outra escola e que aprontava um montão? Na minha turma não temos um Gabriel, mas temos o Guilherme que também é terrível. Todo dia o Guilherme faz alguma coisa pra incomodar alguém na escola. Ele é um garoto que ouve muito a palavra *já*: “Guilherme, tão cedo e você já começou a aprontar”? “Mas mal chegou e já bateu

em alguém, Guilherme”? Parece que todo mundo sabe que o Guilherme vai aprontar e então, fica esperando, pra ver o que vai acontecer.

Minha irmã é outra pessoa que ouve muito a palavra já quando ela começa a incomodar as outras pessoas. Ela fica bem irritada e diz que os outros estão rotulando a pessoa dela, mas ela é meio complicada. Tem dias em que ela *já* acorda de péssimo humor e inferniza a vida de todos que estão perto dela.

Já estamos na reta final porque já é quase dezembro e o ano está indo embora.

#### 2.4.1.22 Um passeio

Depois de 4 meses sem emprego, meu pai finalmente conseguiu trabalhar numa boa empresa e ele vai até ganhar mais do que ganhava na indústria onde trabalhava antes. Pra comemorar, saímos pra almoçar fora e depois pegar um cineminha no shopping. Fazia muito tempo que a gente não saía de casa, a não ser pra visitar parentes.

Foi um passeio super legal como há muito tempo a nossa família não via. Nesse dia, aconteceram muitas coisas boas e gostosas que me fizeram lembrar da minha escola de antes.

No caminho para o restaurante tinha uma concessionária e meu pai parou pra ver os lançamentos em automóveis. A loja estava cheia de balões coloridos, enfeitados em forma de espiral. Logo lembrei da minha ex-escola porque quase sempre tinha balões de enfeite quando havia alguma comemoração e muitos professores utilizavam balões nas suas aulas. Eu nunca vi balões na minha escola de agora e me dei conta também que lá as coisas não são coloridas. Não parece escola de crianças. Mas por que balões numa loja que vende carros, que são produtos pra adultos?

Quando chegamos no restaurante, uma pessoa bem simpática estava na porta pra nos receber com um sorriso enorme. Havia também uma música ambiente bem gostosa, tocando num volume bem baixo. A comida era deliciosa. Não pude deixar de lembrar novamente da minha outra escola porque lá sempre tinha a tia Lúcia que cuidava da entrada e da saída dos alunos e chamava todos pelo nome. Lá, às vezes alguns professores colocavam música ambiente bem suave na sala de

aula, enquanto a gente fazia uma prova, ou uma tarefa. A comida foi outra coisa que me fez lembrar de lá porque o lanche na minha atual escola não é muito bom, mas os sanduíches da minha escola de antes eram fantásticos e sempre tinha novidades e brindes que a cantina dava.

Depois do almoço fomos ao shopping, que já estava totalmente decorado para o Natal. Aposto que na outra escola também está tudo enfeitado, como nos anos anteriores. Quando a gente estava perto da escada rolante que leva aos cinemas, passamos em frente a uma loja e havia um cheiro gostoso que me lembrava alguma coisa. Foi inevitável não lembrar da minha ex-escola porque era o mesmo cheiro que tinha nas salas quando a gente chegava de manhã. Parecia um perfume suave de plantas.

Na volta pra casa, meus pais disseram que no ano seguinte, a gente voltaria para a nossa escola de antes. Minha irmã e meu irmão vibraram de alegria. Eu também fiquei contente, mas apesar da parte física ser bem melhor, eu me sentia bem nas aulas da professora Dora e eu gostava muito do tratamento e da atenção que as pessoas em geral dão aos alunos lá. Ainda não sei se volto para a outra escola ou se fico na minha. Um grupo grande de pais pediu que a dona Dora ficasse como nossa professora de inglês e de português na 5ª série. Disseram que é quase certeza que a escola aceite. Se der certo, eu continuo lá no ano que vem.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS E SUGESTÕES PARA FUTUROS TRABALHOS**

O objetivo foi esclarecer alguns princípios básicos da semiótica, associando-os aos estudos da valorização das emoções e da liderança no trabalho do educador por meio de breves análises teóricas e de situações hipotéticas do cotidiano escolar.

O estudo da comunicação é uma área que se desenvolve cada vez mais em todos os segmentos da sociedade e pode colaborar na eficácia do diálogo entre o educador e o aluno.

O conhecimento dos bastidores da linguagem tem provocado mudanças de comportamento em diversos setores da economia e com este trabalho, pode-se concluir que na escola também há a necessidade e a possibilidade de se rever a diferença entre o que é falado e o que é dito.

Por meio deste trabalho, foi possível compreender melhor como as emoções desempenham um papel decisivo nas relações humanas, uma vez que nosso corpo é um canal contínuo de comunicação com o mundo.

Com o resultado desta pesquisa, é possível perceber que os detalhes não são insignificantes. Ao contrário, eles indicam uma realidade que muitas vezes não enxergamos.

A valorização das emoções transforma a escola num ambiente mais humano e pedagogicamente mais sadio, pois as pessoas produzem mais e melhor quando estão felizes e seguras.

A idéia de que pode ser líder apenas aquela pessoa que for extrovertida, mandona ou de personalidade forte, cai por terra quando se comprova que pessoas

que conseguiram exercer a liderança, ou seja, foram seguidas, o fizeram de maneira doce, segura e objetiva.

Os estudos mostram que todo educador, seja ele um professor, um zelador ou um diretor, pode ser um líder, deste que conheça seus potenciais, seus limites e seja ele mesmo, sem imitação de modelos.

Com base nas reflexões feitas, é possível concluir que num mesmo gesto, o educador pode manifestar princípios da Semiótica, das emoções e da sua liderança, comprovando que estas três áreas de estudo podem andar juntas. Basta que sejam oportunizadas as pontes que ligam umas às outras.

Sugere-se a aplicação deste trabalho em todos os profissionais das áreas do conhecimento, pois a qualidade da comunicação na relação educador/aluno é de fundamental importância no processo da aprendizagem.

Por ser um estudo inicial da junção de três campos diferentes, sugere-se uma continuidade deste trabalho, aprofundando a análise feita em cada área. É importante que haja uma continuidade deste estudo, para que outros olhares possam descobrir novas faces e novas soluções para o mesmo problema.

Este estudo não é de forma alguma uma conclusão, mas um desafio a novos olhares que possam construir novas pontes que liguem novas áreas de diferentes visões. Toma-se este trabalho como um estudo apenas inicial das relações que podem surgir a partir dos estudos das diferentes áreas analisadas.

Tendo como base as informações colhidas, sugere-se a ampliação dos estudos específicos da Semiótica, da emoção e da liderança no contexto escolar, levantando novas hipóteses e colocando em prática novas experiências, para que novas pontes possam surgir.

A relevância deste tema se dá pelo fato de ele despertar o educador à observação e à valorização dos detalhes. Este pode ser apenas o início de um novo olhar do papel do educador que deseje sonhar e fazer da escola um ambiente para novas aventuras.

#### 4 REFERÊNCIAS

- ADAIR, J. **Como liderar com eficiência**. São Paulo: Nobel, 1989.
- ALMEIDA, A. R. S. **A emoção na sala de aula**. 2. ed. Campinas: Papirus, 2001.
- ALVES, Rubem. **A alegria de ensinar**. 3. ed. Campinas: Papirus, 2001a.
- \_\_\_\_\_. **Conversas com quem gosta de ensinar**. 3. ed. Campinas: Papirus, 2001b.
- ASSMANN, H. **Reencantar a educação**: rumo à sociedade aprendente. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 1995.
- BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. Campinas: Unicamp, 1997.
- CADERNOS CEDES 50. **Relações de ensino**: análises na perspectiva histórico-cultural. Campinas: Unicamp, 2000.
- CASTORINA, J. A.; FERREIRO, E.; LERNER, D.; OLIVEIRA, M. K. de. **Piaget-Vigotsky**: novas contribuições para o debate. 6. ed. São Paulo: Ática, 2000.
- DELORS, J. *et al.* **Les quatre piliers de l'éducation**. L' éducation: un trésor est caché dedans. Paris: UNESCO, 1996. (Texto adaptado).
- DEMO, P. **Abc**: iniciação à competência reconstrutiva do professor básico. Campinas: Papirus, 1995.
- DOLLE, J.-M. **Pour comprendre Jean Piaget**. 3. ed. Paris: Dunod, 1999.
- ECO, U. **Come si fa una tesi di laurea**: le materie umanistiche. Milano: Bompiani, 1995.
- \_\_\_\_\_. **Trattato di semiotica generale**. 17. ed. Milano: Bompiani, 1999.
- FARACO, C. A.; TEZZA, C.; CASTRO, G. de (Orgs). **Diálogos com Bakhtin**. 3. ed. Curitiba: Editora da UFPR, 2001.
- FIALHO, F. **Introdução às ciências da cognição**. Florianópolis: Insular, 2001.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1998.



GARDNER, H. **Inteligências múltiplas: a teoria na prática**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

HUIZINGA, J. **Homo ludens**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 1996.

ILARI, R.; GERALDI, J. W. **Semântica**. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 1995.

KEENAN, P. **Heartstorming: the way to a purposeful life**. New York: Comtemporary Books, 2002.

LA TAILLE, I. de. *et al.* **Piaget, Vigotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 1992.

LYONS, J. **Linguagem e lingüística: uma introdução**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1987.

MATURANA, H. **Emoções e linguagem na educação e na política**. 2. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

MEIRIEU, P. **Aprender ... sim, mas como?** 7. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

MORAN, J. M. **Mudanças na comunicação pessoal: gerenciamento integrado da comunicação pessoal, social e tecnológica**. São Paulo: Paulinas, 1998.

PEIRCE, C. S. **Semiótica**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

PIAGET, J. **A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho imagem e representação**. 3. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1990.

POZO, J. I. **A solução de problemas: aprender a resolver, resolver para aprender**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

PINKER, S. **Como a mente funciona**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SANTAELLA, L. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

\_\_\_\_\_. **Semiótica aplicada**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

SENGE, P. **A quinta disciplina: arte e prática da organização que aprende**. 7. ed. São Paulo: Best Seller, 2000.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

\_\_\_\_\_. **Pensamento e linguagem**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WEIL, P. **O corpo fala: a linguagem silenciosa da comunicação não-verbal**. 55. Ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

WHELAN, B. M. **Color harmony**. Gloucester: Rockport Publishers, 1994.

### **Sites pesquisados / recomendados**

ASSOCIAÇÃO Internacional de Semiótica. Fornece calendários de congressos, artigos, outros eventos e informações gerais sobre Semiótica. Disponível em: <<http://www.uni-ak.ac.at/culture/withalm/semiotics/AIS/>>. Acesso em 15 de outubro de 2003.

HEARTSTORMING. Apresenta artigos, links, livros virtuais e dicas sobre heartstorming. Disponível em: <<http://www.heartstorming.com>>. Acesso em 23 de julho de 2003.